

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
TAMYRES GONÇALVES PALMA ZIMMER

O PODER DA PALAVRA: A HABILIDADE RETÓRICA DE SIMÃO PEREIRA DE SÁ NA
CRÔNICA *HISTORIA TOPOGRAFICA E BELICA DA NOVA COLONIA DO SACRAMENTO* E
A SUA INFLUÊNCIA NA MANUTENÇÃO DESSA PRAÇA E NA HISTORIOGRAFIA
BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

CURITIBA
2013

TAMYRES GONÇALVES PALMA ZIMMER

O PODER DA PALAVRA: A HABILIDADE RETÓRICA DE SIMÃO PEREIRA DE SÁ NA
CRÔNICA *HISTORIA TOPOGRAFICA E BELICA DA NOVA COLONIA DO SACRAMENTO* E
A SUA INFLUÊNCIA NA MANUTENÇÃO DESSA PRAÇA E NA HISTORIOGRAFIA
BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Monografia apresentada à disciplina de Estágio Supervisionado em Pesquisa Histórica como requisito parcial para a conclusão do curso de História - Bacharelado e Licenciatura, do Setor de Ciências Humanas, da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Dr^a Martha Daisson Hameister

CURITIBA
2013

Ao meu amor, amigo e companheiro.

AGRADECIMENTOS

Não há como agradecer a outro em primeiro lugar que senão a Deus. Obrigada, Senhor, por me sustentar em todo o tempo, e por minha jornada que me trouxe até onde estou e quem sou agora.

Em segundo lugar, agradeço incansavelmente a minha orientadora Martha. Obrigada por tantos conselhos e puxões de orelha em sala de aula, por boas histórias pelos corredores da Reitoria e por ser alguém inspiradora e compreensiva. Agradeço também por ter me apresentado objeto de estudo tão valioso, e por ter acreditado em mim e em meu trabalho quando eu mesma nunca acreditei. Se cheguei até o fim desta jornada, seu incentivo foi vital.

A outros professores do Departamento, que através de suas aulas e caráter me ensinaram muito: à professora Marcella, agradeço pela oportunidade de ter visto Bizâncio e o Islã por seus olhos e através de sua empolgação. Terei sempre seu exemplo de excelente professora a me inspirar. Aos professores Luiz Geraldo e Joseli, agradeço pelo caráter e integridade de ambos. Em suas aulas, me vi encantada com uma matéria que nunca gostei, e aprendi que bons textos são capazes de conquistar até as mentes mais aversas. À professora Andrea Doré, agradeço por ser tão aberta e atenciosa com os alunos. Tive bons momentos de aprendizado em suas aulas, tanto pela competente professora que és, quanto por sua humildade ao dizer que não sabe tudo. Os breves momentos de conversa e discussão ao final de suas aulas sempre me ajudaram e ensinaram muito. À professora Fátima, agradeço pelas aulas empolgantes e incríveis textos. Sua erudição sempre foi na medida, e seu conhecimento muito valioso.

Agradeço às muitas pessoas que conheci nesta longa jornada. Aos colegas de GRR 2008, agradeço pelas experiências vividas no início da vida adulta e universitária. Tive os melhores amigos que eu poderia querer nesta fase incrível e inesquecível. Camila, Luís, Thiago, André, Clara, Stelinha e Celina, obrigada pelos frangões, *War* e risadas. Vocês foram fundamentais no meu amadurecimento e à minha lucidez. Ao GRR 2009, agradeço àqueles que me acolheram, me dando uma nova turma. Anna, Nicolle, Ingrid, Carmem, Fernanda, Pedro Artur, GP, Felipe, Lucas e João, vocês foram incríveis nas muitas tardes entediosas - geladíssimas ou terrivelmente quentes - que passamos na Reitoria. Já aos 45 minutos do segundo tempo, conheci melhor Carla, Bárbara e Willian. Cada um de seu jeito, me ensinou a ser alguém melhor.

Agradeço minha família, que em cada particularidade me ensinou algo. À minha mãe agradeço tudo. Minha força, fé, doçura e amor à leitura vem de você. Aos meus irmãos Bruno e Vitor, as boas lembranças da infância são algumas das memórias mais doces que tenho da vida. Aos meus tios, agradeço pelo abrigo que me deram em fases distintas de minha vida. Titi, obrigada por ter sido a única pessoa a me incentivar a fazer o que eu amo, a cursar História. Seu apoio e incentivo foram fundamentais para eu ter coragem de seguir com meus sonhos. Cida, obrigada por me fazer amadurecer, ser mais centrada e menos egoísta. Você é minha outra mãe. Gabi e Gio, obrigada por serem meus irmãos também. Segurei os dois ainda bebês e hoje me orgulho da pessoa que cada um está se tornando. Agradeço à Michelle, que de tão amiga é quase irmã. Nestes últimos - quase - sete anos, foi você quem esteve comigo em todo o tempo e a sua amizade é essencial para mim. Bendito dia em que dividimos o mp3 numa aula qualquer no 3º ano. Você é uma amiga que eu levarei para a vida, sempre.

Finalmente agradeço àquele que é o motivo de eu ter chego até aqui. Agradeço ao meu marido, meu grande amigo e amor, por todo o tempo que estamos juntos e por tudo o que já cresci ao teu lado. A felicidade voltou à minha vida no dia em que nos vimos apaixonados um pelo outro. Obrigada por aguentar minhas crises de choro e minhas reclamações. Obrigada por ser meu ombro amigo, meu descanso, minha lucidez e maturidade quando eu estou à beira da loucura. Obrigada por acreditar em mim e por mim quando eu não acredito em mais nada. E obrigada por querer dividir o resto de seus dias comigo. Você me fez chegar até aqui.

RESUMO

Esta pesquisa tem por tema a crônica de Simão Pereira de Sá intitulada *Historia Topografica e Belica da Nova Colonia do Sacramento do Rio da Prata*. A partir desta fonte, fundamentada no trabalho sobre retórica de Chaim Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca, busquei compreender a construção do discurso de Simão Pereira de Sá, suas pretensões com a escrita da mesma, e tentei delimitar o possível auditório a ser atingido por sua obra. Desse modo, para fins metodológicos, dividiu-se este trabalho em três partes: a primeira trata do contexto de fundação da Colônia do Sacramento e de que maneira ela está inserida e é relevante ao Império Português; a segunda trata de uma revisão historiográfica, demonstrando de que maneiras Sacramento aparece - ou não - na historiografia brasileira, e quais foram os usos que se fez da crônica de Pereira de Sá até então. Na parte final, a crônica de Pereira de Sá é analisada a partir do referencial teórico-metodológico para análise de argumentação e retórica.

Palavras-chave: Colônia do Sacramento, História do Brasil Colônia, Retórica.

SUMÁRIO

Introdução	7
1. Os caminhos para o sul	9
1.1. Autor e obra.....	9
1.2. União Ibérica como porta de acesso ao Prata.....	10
1.3. Praça, Vila ou Cidade?.....	14
1.4. Colonização efetiva.....	16
2. A Colônia do Sacramento e a Historiografia	18
2.1. Sacramento na Historiografia - presente ou não.....	18
2.2. Os usos de Simão Pereira de Sá e da sua <i>Historia Topografica</i>	29
3. O poder da retórica na crônica de Simão Pereira de Sá	36
3.1. Delimitação e compreensão do público alvo da oratória.....	36
3.2. As técnicas argumentativas na construção de um discurso e os usos que Simão Pereira de Sá faz dessas.....	39
4. Considerações finais	49
5. Referências bibliográficas	51

Introdução

Durante o período hoje conhecido por União Ibérica, Portugal teve em sua colônia na América o acesso a um novo porto propício ao comércio e ao acesso à prata, metal valioso e importante para a economia da Coroa. Ao ter acesso à região do Rio da Prata, no extremo sul da colônia, Portugal se viu frente a um comércio lucrativo com os castelhanos pouco atendidos em suas necessidades por Castela, e através do contrabando e do comércio com os portugueses, tiveram acesso à mercadorias manufaturadas e escravos, enquanto Portugal se abastecia de Prata. Ao fim da União Ibérica, os portugueses foram expulsos de Buenos Aires e viram seu lucrativo comércio ao sul da colônia esvair por entre os dedos. A partir disso, criar um ponto de ligação entre a colônia portuguesa com o valioso Rio da Prata se tornou algo muito aventado na colônia e na corte lusa, o que resultou na fundação da Colônia do Sacramento em 1680.

A partir da fundação da Colônia do Sacramento, a região do extremo sul da colônia portuguesa se viu em meio a constantes conflitos entre portugueses e castelhanos, pois a fundação de Sacramento com tamanha proximidade de Buenos Aires foi vista como uma afronta pelos castelhanos. Estes compreenderam a intenção portuguesa de impedir o avanço espanhol pelas bandas orientais pelo Rio da Prata e sua pretensão em manter comércio com os moradores de Buenos Aires. Neste contexto de conflitos e disputas territoriais, Simão Pereira de Sá fora incumbido por Gomes Freire de Andrade - governador do Rio de Janeiro e da Repartição Sul da colônia - a narrar a história de Sacramento para demonstrar seu valor perante certo público português. A partir desta encomenda, Simão Pereira de Sá faz um trabalho longo de narrativa do cotidiano da Colônia do Sacramento, resgatando os períodos de ocupação portuguesa da mesma: em 1680, de 1682 a 1705 e de 1716 a 1737. Ao fim de sua crônica, Pereira de Sá nos apresenta a “Breve noticia da Colonia do S.mo Sacram.to, e Diario do seu ultimo ataque pelos Castelhanos Anno de 1762”¹, adendo à obra que nos leva a problematizar a datação da escrita da mesma. Segundo Viviane Sueli Marques² Capistrano de Abreu foi um dos poucos que se dedicou a buscar uma datação da obra de Pereira de Sá, mas Abreu a insere num recorte temporal posterior a 1737

¹ SÁ, Simão Pereira de. *Historia Topografica e Belica da Nova Colonia do Sacramento do Rio da Prata, Escrita por Ordem do Governador e Capitão Geral do Rio de Janeiro em 1737 e 1777*. Porto Alegre: Arcano 17, 1993. p. 165

² MARQUES, Viviane Sueli. *Edição semidiplomática de História topográfica e bélica da Nova Colônia do Sacramento do Rio da Prata, códice 677, da Biblioteca Nacional de Lisboa*. (Dissertação de Mestrado). São Paulo, USP, 2008, 216. p. 17

e anterior a 1750, o que com esta parte final da obra nos deixa dúvidas. Ou a obra evidentemente foi escrita no período delimitado por Capistrano de Abreu e recebeu esta parte final posteriormente ou a obra efetivamente fora escrita depois de 1762, dado este ainda sem meios de comprovação.

Considerando a crônica como uma encomenda de Gomes Freire de Andrade para Pereira de Sá, supõe-se que a escrita da mesma seja muito bem pensada a agradar Gomes Freire de Andrade e os homens que ele pretendia sensibilizar com tal obra. Portanto o trabalho de Simão Pereira de Sá rende uma fonte riquíssima para análise de construção discurso, análise esta baseada na obra *Tratado da Argumentação: A Nova retórica* de Chaim Perelman e Lucie Olbrecht-Tyteca.

Para inserir a obra em seu contexto, no primeiro capítulo deste trabalho apresento o contexto da Colônia do Sacramento desde sua fundação em 1680, como consequência do anterior acesso português ao Rio da Prata, até o início da colonização efetiva, que teve seu ápice no período de 1715 à 1737. No segundo capítulo há uma breve revisão historiográfica do material produzido sobre Sacramento e de materiais que fizeram uso da crônica de Pereira de Sá, e por fim há a análise propriamente dita da crônica ao terceiro capítulo. Buscou-se neste capítulo apresentar brevemente algumas noções básicas usadas na argumentação retórica para localizar o leitor, para então prosseguir com a análise da retórica na escrita de Simão Pereira de Sá, buscando-se desvendar o possível auditório ao qual o autor se dirigia e as intenções por trás da escrita da obra.

1. Os caminhos para o Sul

1.1 Autor e obra

Ao se trabalhar com alguma obra, é necessário se conhecer tanto o autor quanto o contexto em que a obra fora escrita, para fugir de possíveis erros de interpretação. Para evitar tais erros neste trabalho, busquei conhecer melhor o autor aqui trabalhado.

A busca por informações a respeito do autor da obra analisada foi muito difícil e pouco produtiva ao longo de minha pesquisa. Entretanto, tive acesso à dissertação de mestrado de Viviane Sueli Marques, intitulada *Edição semidiplomática de História topográfica e bélica da Nova Colônia do Sacramento do Rio da Prata, códice 677, da Biblioteca Nacional de Lisboa*, na qual a autora teve acesso a documentos a respeito da vida do autor aqui trabalhado, sendo basicamente em sua dissertação que me baseio para contextualizar o autor e obra aqui analisados.

Marques aponta que Simão Pereira de Sá nasceu em 22 de junho de 1701, em São Sebastião, no Rio de Janeiro, filho de Anna Bocan e Simão Pereira de Sá. “O autor tornou-se mestre em artes pelo Colégio Jesuíta do Rio de Janeiro, matriculou-se na Universidade de Coimbra em 1723 e bacharelou-se em cânones em 1729.”³

Mesmo que Pereira de Sá tenha escrito diversas obras, como nos aponta Marques, a escolhida para ser a fonte de minha pesquisa é a *Historia Topografica e Belica da Nova Colonia do Sacramento do Rio da Prata*, que tem a datação da sua escrita ainda incerta, embora vemos que Capistrano de Abreu delimita um recorte temporal na qual a confecção da obra possivelmente se encontra, “depois de setembro de 1737 [...] e anterior a 1750”⁴.

Viviane Marques insere a *Historia Topografica e Bélica* num contexto onde o silêncio historiográfico⁵ predominou, pois ela afirma - usando as palavras de José Honório Rodrigues -

³ MARQUES, Viviane Sueli. *Edição semidiplomática de História topográfica e bélica... Op cit.* p. 13

⁴ ABREU, Capistrano. apud MARQUES, Viviane Sueli. *Edição semidiplomática de História topográfica e bélica da Nova Colônia do Sacramento do Rio da Prata, códice 677, da Biblioteca Nacional de Lisboa.* (Dissertação de Mestrado). São Paulo, USP, 2008, 216. p. 17

⁵ Embora Viviane Marques aponte que há um *silêncio historiográfico* a respeito da Colônia do Sacramento, à época da escrita de sua dissertação, já existiam bons trabalhos que tratam especificamente da Colônia do Sacramento, como o livro de Fabrício Prado (*Colônia do Sacramento: O Extremo Sul da América Portuguesa*), alguns trabalhos de Paulo César Possamai, como sua tese de doutorado (*O Cotidiano da Guerra: A vida na Colônia do Sacramento (1715-1735)*), bem como o trabalho do genealogista Carlos G. Rheingantz “Povoamento do Rio Grande de São Pedro: A contribuição da Colônia do Sacramento”. In: *Anais do Simpósio Comemorativo do Bicentenário da Restauração do Rio Grande (1776-1976)*. Vol. II. Rio de Janeiro: IHGB/IHGMB, 1979, além de uma vasta

que “a obra paulista de dilatação e incorporação do território colonial é sem paralelo na história americana”⁶ e portanto “é assim espantoso que a história mais ativa, mais original e efetiva, mais rica de futuro, mais nacional, seja aquela que menos historiografia tenha produzido”⁷. Para ela, esta lacuna historiográfica é parcialmente sanada com a obra de Simão Pereira de Sá, sendo a *Historia Topografica e Bélica* uma importante fonte “para o estudo historiográfico da fundação da Colônia do Sacramento e, conseqüentemente do surgimento do Rio Grande do Sul no cenário brasileiro”⁸. Marques desconhece, mas existe uma outra crônica⁹ deste período, que retrata apenas o cerco espanhol à Sacramento entre 1735-1737. Silvestre Ferreira da Sylva foi um alferes que serviu em Sacramento durante o cerco castelhano, e publicou sua crônica pela primeira vez em Lisboa, no ano de 1748. A edição à qual tive acesso, da Editora Arcano 17, é *fac-similar* à primeira edição, pois as páginas foram reproduzidas nesta nova edição.

No seu intuito de apontar a importância da obra de Simão Pereira de Sá e da expansão paulista ao sul, Marques ignora - intencionalmente ou não - dois fatos: o primeiro é que nenhuma obra é escrita livre de interesses, como ela defende nas palavras de Rodrigues¹⁰, e o segundo é que a colonização da Colônia do Sacramento se deu principalmente por iniciativa e incentivo das elites fluminenses, e não paulistas. Da discordância dessa neutralidade e da marcada vinculação entre a Colônia e o Rio de Janeiro, delineou-se, entre outros objetivos, o de mapear os interesses que estavam em jogo no anseio da manutenção da Praça da Colônia do Sacramento, através da *Historia Topográfica e Bélica* de Simão Pereira de Sá.

1.2 União Ibérica como porta de acesso ao Prata

Após a Guerra da Sucessão Portuguesa que durou de 1580 a 1583, Portugal se viu submetido à Dinastia de Habsburgo, ou Dinastia Filipina, período hoje conhecido por União Ibérica, que durou entre os anos de 1580 e 1640. Neste período em que as coroas ibéricas

documentação passível de ser estudada em Jônatas da Costa Rego Monteiro, tanto em sua obra *A Colônia do do Sacramento 1680-1777*, Vol. 1, Porto Alegre: Editora Globo, 19371

⁶ RODRIGUES, José Honório. apud MARQUES, Viviane Sueli. *Edição semidiplomática de História topográfica e bélica da Nova Colônia do Sacramento do Rio da Prata, códice 677*, da Biblioteca Nacional de Lisboa. (Dissertação de Mestrado). São Paulo, USP, 2008, 216. p. 14

⁷ RODRIGUES, José Honório. apud MARQUES, Viviane Sueli. *Edição semidiplomática Op. Cit.* pp. 14-15

⁸ MARQUES, Viviane Sueli. *Edição semidiplomática de História topográfica e bélica... Op. cit.* p. 15

⁹ SYLVA, Silvestre Ferreira da. *A relação do Sítio da Nova Colônia do Sacramento*. Porto Alegre: Arcano 17, 1993

¹⁰ RODRIGUES, José Honório. apud MARQUES, Viviane Sueli. *Edição semidiplomática Op. cit.* p. 18

estiveram sobre o domínio da mesma casa real, os laços entre as colônias de ambas as coroas acabaram por se estreitar inevitavelmente, e conseqüentemente levou à abertura das “portas da América espanhola (e, portanto, o acesso à prata das terras castelhanas na América) tanto aos comerciantes metropolitanos quanto aos colonos da América portuguesa”¹¹. O Rio da Prata tem importância fundamental principalmente para o Rio de Janeiro, que vinha ascendendo como porto colonial atlântico no comércio negreiro, e a partir do acesso ao Prata, o Rio de Janeiro passou a fornecer escravos à região de Buenos Aires. Para exemplificar a nova rota comercial, Sampaio se vale das palavras de Luís Felipe de Alencastro: “no final do século XVI surgia o triângulo negreiro Luanda - Rio de Janeiro - Buenos Aires, fator constitutivo da autonomia da América portuguesa”¹². Sampaio destaca ainda que o Rio de Janeiro cresce em importância principalmente a partir de 1620, e que depois deste acesso fluminense ao Prata, esta região “a partir daí faria sempre parte dos interesses fluminenses”¹³.

Em 1640 rompe-se a União Ibérica, porém o interesse português do comércio no Prata não diminui. Agora - livre de Castela - os portugueses criam um porto, uma “Praça”. A Colônia do Sacramento foi fundada em 1680 pelos portugueses, a fim de manter um porto comercial português no Prata, pois este facilitaria as transações comerciais com a região, que eram de interesse da elite comercial fluminense. A necessidade de um porto de comércio e de expansão territorial levou os portugueses a fundarem a Colônia - um presídio militar - na margem esquerda do Rio da Prata, praticamente em frente a Buenos Aires. Buscavam através disto “reativar o comércio entre suas colônias e a região”¹⁴, principalmente com os mercados de Buenos Aires, Paraguai e Alto Peru - mercados estes negligenciados pela Coroa Hispânica¹⁵ - além de facilitar o acesso à prata do Alto Peru, essencial para a economia das colônias e das metrópoles no período, pois se enfrentava um momento de escassez do metal nas colônias costeiras portuguesas.

O avanço para o extremo sul da colônia portuguesa servia tanto aos interesses da Coroa Portuguesa quanto de particulares, principalmente da elite fluminense. Este avanço era

¹¹ SAMPAIO, Antonio Carlos Jucá de. *Na encruzilhada do império: hierarquias sociais e conjunturas econômicas no Rio de Janeiro (c. 1650 - c. 1750)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2003 p. 63

¹² ALENCASTRO, Luís Felipe de. apud SAMPAIO, Antonio Carlos Jucá de. *Na encruzilhada do império: hierarquias sociais e conjunturas econômicas no Rio de Janeiro (c. 1650 - c. 1750)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2003 p. 63

¹³ SAMPAIO, Antonio Carlos Jucá de. *Na encruzilhada do império... Op. cit.* p. 63

¹⁴ PRADO, Fabrício. *Colônia do Sacramento: O Extremo Sul da América Portuguesa*. Porto Alegre: Editora Prefeitura Municipal de Porto Alegre, RS 2002. p. 39

¹⁵ PRADO, Fabrício. *Colônia do Sacramento... Op. cit.* p.18

“estimulado pela Coroa e levado à cabo com a ação, apoio e interesses de particulares e autoridades locais”¹⁶. Para a Coroa portuguesa, Sacramento tinha “a finalidade de restabelecer no comércio Atlântico Português a carreira Rio da Prata – Rio de Janeiro – Luanda, onde a primeira era fonte de metais, nomeadamente a prata, tão necessária à economia do centro da Colônia”¹⁷, carreira esta que foi muito utilizada durante o período da União Ibérica para otimizar e expandir o tráfico negreiro.

Fabrizio Prado afirma que durante o século XVIII o Rio de Janeiro ascendeu à uma posição privilegiada em relação ao tráfico negreiro português, tornando-se o porto mais importante para o comércio de escravos da Colônia lusa. Com isso, o controle do Prata era também fundamental para se ter acesso à prata em si, metal fundamental para as relações econômicas das colônias lusas - relações entre as colônias da América e da África - além de “dar suporte a uma elite comercial pujante, que praticamente será a intermediária nas relações entre Portugal e Angola”¹⁸. Sampaio também valoriza a posição de destaque do Rio de Janeiro a partir do século XVII, e novamente usando as palavras de Alencastro, aponta que para este, o domínio holandês do nordeste do Brasil favoreceu consolidação do Rio de Janeiro como principal porto da América portuguesa.

Depois da descoberta de ouro na região das Minas gerais, a elite fluminense firmou definitivamente sua posição de destaque dentro da estrutura na colônia lusa, pois

a praça carioca [...] era marcada por ativas exportações de metal, pela introdução de escravos, e pelo grande número de engenhos produzindo açúcar e aguardente. Além disso, os comerciantes do Rio de Janeiro controlavam as redes de introdução de mercadorias para as regiões interiores da Colônia [PRADO, 2002, p. 40]

Prado aponta que esta predominância fluminense teve muita influência nas políticas portuguesas em relação ao Rio da Prata do século XVIII, unindo-se aos interesses da Coroa, pois além da expansão territorial pretendida, a ida ao sul aumentava os mercados aos quais os fluminenses tinham acesso para comercializar com as colônias castelhanas. O rio da Prata teve

¹⁶ PRADO, Fabrício. *Colônia do Sacramento... Op. cit.* p. 21

¹⁷ Idem, p. 39.

¹⁸ Idem, p. 39

importância fundamental na vida da colônia lusa. Para Prado “a vida social, econômica e política do núcleo populacional luso-americano estava articulada em função do comércio, marítimo e terrestre, no espaço platino”¹⁹.

No processo de avanço português em direção ao sul, podemos notar duas frentes distintas de colonização: uma por mar, saída do Rio de Janeiro em direção ao Rio da Prata, fundando-se a Colônia do Sacramento (1680), e outra por terra, saída de São Paulo, resultando na fundação de São Francisco do Sul (1664), Laguna (1684) e Viamão. Para a elite fluminense, o reestabelecimento das relações comerciais no Prata era de grande importância, pois a prata ali adquirida era fundamental na compra de escravos, e o mercado ao qual se tinha acesso através do Rio da Prata era um grande consumidor de escravos e de produtos manufaturados.

Já a colonização vicentina partiu para o sul por terra, em busca de novas terras para expandir a produção de alimento e criação de rebanhos. Com a descoberta das minas auríferas na região do atual estado de Minas Gerais e do Mato Grosso, a necessidade por alimentos e gado - fonte de couro, carne e montaria - cresceu exponencialmente, o que levou os paulistas a buscarem novas áreas de colonização. Já com a descoberta das minas auríferas na região do Mato Grosso, o estuário platino ganha outra finalidade: ser porta de acesso à bacia do Rio Paraná, caminho por água para o Mato Grosso²⁰.

Fabrizio Prado ressalta a todo momento que a expansão para o sul era uma necessidade e um anseio duplos, pois tanto a Coroa portuguesa quanto as elites comerciais fluminenses e paulistas interessavam-se pelo extremo sul da Colônia, embora de maneiras distintas. Ele ressalta ainda a importância de se levar em consideração “a exploração extensiva dos recursos, característica das empresas lusitanas, fazia com que existisse a necessidade de um constante avanço da fronteira”²¹. E devido aos interesses distintos na colonização do sul, podemos perceber os papéis distintos exercidos pelas fluminenses e vicentinos nos séculos XVII e XVIII na colônia americana. Para melhor explicar, usarei as palavras do próprio Fabrizio Prado:

podemos delinear claramente as duas frentes de expansão atuando na Banda Oriental e no Rio Grande de São Pedro. A primeira, desde o Rio de Janeiro, com interesses claros na manutenção de rotas comerciais e com uma política de

¹⁹ PRADO, Fabrizio. *Colônia do Sacramento... Op. cit.*, p. 20

²⁰ Idem, p. 44

²¹ Idem, p. 42

incorporação territorial baseada na fundação de presídios militares enquanto núcleos populacionais. A segunda frente avançava por terra, desde Laguna, amparada por paulistas que buscavam o acesso aos rebanhos de gado bovino e cavalos existentes na região. Essas duas frentes desenvolveram-se de forma articulada e complementar. As políticas implementadas na região, no período em questão, significaram o encontro de interesses entre a Coroa e as elites locais, que sustentaram tal expansão. [PRADO, 2002, p. 44].

1.3 Praça, Vila ou Cidade?

Em uma breve revisão historiográfica, Fabrício Prado discute os estudos urbanos realizados em torno dos conceitos de cidade e vila, e principalmente as formas de se conceber as estruturas urbanas da luso-brasílica em alguns autores. Para tanto, visita Sérgio Buarque de Holanda, Ronald Raminelli e Nestor Goulart Reis. O autor ainda apresenta diversas discussões em torno das diferenças entre a estrutura urbana luso-brasílica e a estrutura urbana hispano-americana, em que se baseia no autor José Luis Romero. Esta discussão se faz necessária como introdução à discussão de um problema conceitual: como classificar a Colônia do Sacramento?

Para Prado, é extremamente importante inciar esta discussão localizando o leitor: não se pode encarar os conceitos de núcleo urbano, praça, vila ou cidade hoje acreditando que eles tinham a mesma conotação no século XVIII. Para ele, entretanto, vale

ressaltar que tanto uma vila quanto uma cidade constituíam, sempre, um núcleo populacional”. O grau de urbanização dependia da quantidade de riqueza e interesse da Coroa, ou dos interesses das sociedades locais no que se refere às atividades mercantis, políticas e da necessidade de ostentação pública do *status*. [PRADO, 2002, pp. 85-86]

Como Sacramento aparece nos documentos da época referida *praça, vila* ou *cidade*, Prado apresenta em seu estudo as diferentes características administrativas que cada um destes núcleos urbanos possuía, afim de posicionar Sacramento em seu devido lugar. Nas palavras de Prado, “Praça era uma denominação militar e comercial: um núcleo militarizado, uma cidadela militar

com finalidades comerciais ou de colonização. [...] A autoridade máxima nesse núcleo de civilização lusa era o Governador.²²” Por vila podemos compreender o núcleo populacional que “possuía uma Câmara, com seus oficiais e juízes. Constituía um canal para grupos locais exercerem poder político. [...] Uma vila podia surgir da evolução de uma comandância militar, uma fortaleza.”²³ Já a cidade pode ser encarada como “uma vila deveras desenvolvida, que se convertia em núcleo regional e inter-regional importante e passava a sediar instâncias jurídicas mais altas, desfrutando administrativamente da maior autonomia.”²⁴

A historiografia da época normalmente denominava Sacramento como *cidade*, embora esta nunca sequer tenha chegado à categoria de *vila*. Segundo Prado, esta denominação se dava mais em função do tamanho de Sacramento do que por sua categoria administrativa. Esta questão inclusive é muito interessante. Embora durante o século XVIII Sacramento tenha crescido o suficiente para se tornar uma cidade e tenha tido um governador, como tinham as capitanias, nunca deixou de ser subalterna ao Rio de Janeiro. Não posso determinar com clareza os motivos que levaram isto a acontecer, mas o interesse do Rio de Janeiro de manter Sacramento debaixo de suas ordens faz sentido, já que a mesma era de extrema importância para a elite fluminense.

O dilema conceitual envolvendo Sacramento é realmente grande, e por isso Prado analisa a própria posição de Sacramento como empresa lusa. Para ele, as muitas especificidades de Sacramento contribuíram para que a forma de investida lusa ali fosse única, ímpar. Devido a este dilema historiográfico, Fabrício Prado usa as expressões cidade, praça e núcleo populacional para se referir à Sacramento em seu trabalho, mas nenhum destes conceitos com o significado atual. A localização geográfica de Sacramento, a proximidade com diversos grupos indígenas, a extensão territorial e de funções de Sacramento, além da proximidade com colônias hispânicas favoreceram este formato único da Colônia. Para Prado, “parece mais interessante buscarmos compreender a Colônia como experiência ímpar: uma empresa adaptada em sua forma administrativa, política, econômica e militar, de acordo com as necessidades e o desenrolar dos fatos da região”.²⁵

A questão da fronteira é bastante ressaltada ao longo do trabalho do Prado. Para ele, boa parte da estrutura de Sacramento se deu devido à sua localização tão próxima à Buenos Aires e à

²² PRADO, Fabrício. *Colônia do Sacramento...* Op. cit.. p. 86

²³ Idem, p. 86

²⁴ Idem, pp. 86-87

²⁵ Idem, p. 90

sua fronteira móvel. Essa proximidade inclusive fazia, aos olhos do autor, uma reprodução natural das fronteiras ibéricas no Prata, reprodução esta que se dava não apenas nos limites geográficos mal estabelecidos, mas também através da grande interação entre portugueses, castelhanos, grupos indígenas e missionários jesuítas. Além disso, a sociedade lusa era uma empresa no Novo Mundo, mas totalmente baseada no molde da sociedade do Velho Mundo. Sacramento tinha seus traços lusos mantidos, mas era influenciada pela região onde estava.

A estrutura urbana da Colônia do Sacramento apresenta sinais da cultura, da sociedade e do poder em torno do qual ela se organizava. Entretanto, pela sua situação de cidade em uma região de fronteiras sem limites claros, as relações sociais e comerciais com os súditos de Castela foram responsáveis por características peculiares quanto à sua estrutura e à organização da vida urbana em relação a outros núcleos populacionais da América portuguesa. [PRADO, 2002, pp. 78-79]

O autor inclusive nos apresenta a importância que a Colônia do Sacramento teve para a formação e consolidação de Buenos Aires, provavelmente pelo aumento do comércio (legal e ilegal) na região, que não era devidamente atendida pela metrópole castelhana.

1.4 Colonização efetiva

A escolha espacial para a fundação da Colônia do Sacramento se deu em função da localização e boa estrutura geográfica natural, pois a bacia do Prata tinha um ótimo

porto natural, junto às ilhas que desde o princípio do século XVII serviam de atracadouro para navios de diversas procedências interessados no comércio ilícito. A fundação da Colônia do Sacramento, pode-se dizer, principiou um monopólio luso sobre aquele porto e ilhas, tão bem situados em relação à navegação dentro do estuário platino. [PRADO, 2002, p. 91]

A fundação da Colônia se deu em fevereiro de 1680, e neste primeiro momento Sacramento se limita a ser uma fortaleza que dá base para o porto comercial que se pretendia instalar ali. Este período dura pouco, pois em 1681 os espanhóis atacam Sacramento e a tomam

do domínio português. Em 1683 a cidade é entregue aos portugueses através da diplomacia, e permanece com eles até 1705. Neste segundo momento, a importância do comércio cresce em Sacramento, pois a região possuía mercados pouco assistidos pela Coroa espanhola, o que facilitou a expansão dos negócios - lícitos e ilícitos - entre os portugueses e espanhóis na região. Segundo Prado este período teve por finalidade uma ocupação “privilegiadamente comercial, e as autoridades acabavam por serem responsáveis pelo principal comércio estabelecido entre as duas margens do estuário. [...] Apesar de Sacramento ter recebido casais povoadores oficiais no período, a cidadela não foi palco de um significativo crescimento urbano.”²⁶

No livro de Fabrício Prado o último momento da colonização de Sacramento coincide com o último período relatado por Simão Pereira de Sá, entre os anos de 1715 a 1737. Nesta segunda fase de colonização, o crescimento da Colônia foi muito mais evidente, pois logo nos primeiros meses já se buscou estabelecer casais açorianos no entorno da fortaleza para que os mesmos aumentassem o cultivo de gêneros alimentícios e de gado nos pampas da região. Este período ficou marcado pelo crescimento populacional de Sacramento, bem como de suas relações comerciais com Buenos Aires e com o resto da América portuguesa. O período de prosperidade foi de 1715 a 1735, quando iniciou-se um cerco castelhano imposto por Buenos Aires à Colônia, e que durou até 1737.

²⁶ PRADO, Fabrício. *Colônia do Sacramento... Op. cit.* p. 92

2. A Colônia do Sacramento e a Historiografia

2.1. Sacramento na Historiografia - presente ou não

No presente capítulo trabalharei brevemente a discussão historiográfica feita em torno da Colônia do Sacramento em diferentes tipos de produções historiográficas, como obras da historiografia tradicional, trabalhos acadêmicos e paradidáticos e livros didáticos. Busquei trabalhar com uma historiografia mais recente, e para ter um trabalho mais amplo e completo, localizei muitos dos trabalhos antigos citados nesta historiografia mais atual, para traçar um paralelo entre estes dois períodos. A seleção dos livros didáticos se deu através de um procedimento simples: selecionei todos os livros de ensino fundamental e médio disponíveis em uma biblioteca de colégio particular de Curitiba.

Walter Spalding é um dos autores selecionados para ser trabalhado neste capítulo. Nascido em 1901, em Arroio dos Ratos, Spalding foi historiador e chegou a ser membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, sendo um autor de linha mais tradicional na escrita da história. Duas de suas obras foram selecionadas para se trabalhar no presente capítulo, e buscar perceber a visão do autor sobre o processo de colonização e construção do Rio Grande do Sul e o estabelecimento da fronteira sul da colônia, sendo elas *Gênese do Brasil-Sul* (1953) e *Construtores do Rio Grande* (1969).

Na obra *Gênese do Brasil-Sul* Spalding argumenta que a expansão portuguesa para a fronteira sul se deu efetivamente após 1737 - portanto o autor ignora as duas primeiras colonizações da Colônia do Sacramento, de sua fundação em 1680 à 1705 e de 1715 à 1737 - , a partir da fundação da vila de Rio Grande de São Pedro. Ele aponta a fundação de Sacramento em 1º de janeiro de 1680, mas para o autor, até 1737 viveu-se um período de dominação castelhana no território do Rio Grande do Sul, e Sacramento teve pequena importância nesta expansão, sendo a vila de Rio Grande de São Pedro mais decisiva na colonização do sul da colônia. Sacramento serviu, para ele, como meio de fazer o desconhecido Rio Grande²⁷ começar “a ser desbravado e conquistado para a Coroa portuguesa”²⁸.

²⁷ SPALDING, Walter. *Gênese do Brasil-Sul*. Porto Alegre: Livraria Sulina Editora, 1953. p. 20

²⁸ Idem, p. 20

Segundo Spalding, Sacramento tinha pouca força para efetivamente atrair o povoamento do continente de Rio Grande. Para o autor, esta colonização se deu efetivamente através do descobrimento do gado bovino e equino da região

podendo-se, mesmo, afirmar que foi graças a êsse gado que Portugal ficou de posse da capitania, pois a questão da Colônia, embora surgida mais ou menos simultaneamente à busca do gado, pouco teria influido, no seu povoamento central, não fôsse êsse elemento ambicionado, verdadeiro ouro ambulante que encheu de cobiça tôdas as classes sociais de então, formando um tipo à parte, sui gêneris, - o gaúcho-soldado-povoador, - legítimo fronteiro, autêntico herói na luta contra invasores e na manutenção dos lindes brasileiros do extremo meridional. [SPALDING, 1953, p. 30]

Embora a Colônia do Sacramento não tenha alcançado a posição de uma importante vila de colonização por sua situação fronteira e de constantes invasões castelhanas, Sacramento atraiu a colonização para o extremo sul da colônia portuguesa, tanto pela sua localização e importância como posto comercial, quanto de fato pela grande quantidade de gado vacum e pelos ótimos pastos dos pampas. Negar isto é tendencioso, como vemos Walter Spalding ser. O autor foi membro do IHGB e do IHGRS, e como membro destes Institutos, é defensor de uma história com uma visão mais tradicionalista, defensora das origens portuguesas de nosso país, dedicados à exaltar as qualidades portuguesas e ignorar qualquer influência “estrangeira” na nossa formação.

A negação da importância da Colônia do Sacramento enquadra-se na exaltação portuguesa em detrimento do outro, pois embora tenha tido grande importância para a Colônia Portuguesa no século XVIII, Sacramento é um território perdido aos castelhanos, portanto, menos digna de lembranças e honras. Para o autor, a construção do estado do Rio Grande do Sul se deu através dos esforços

daqueles outrora pacíficos e serenos tropeiros lagunenses e paulistas, aliados, a partir de 1752, aos não menos pacíficos, bondosos e serenos açorianos que as ilhas nos mandaram como dádiva dos céus. E a êstes todos juntaram-se, como expressão de fôrça, de ousadia e destemor, os antigos desertores da Colônia, os gaudérios ou vagabundo [SPALDING, 1953, p. 31]

Nem mesmo os homens da Colônia - portugueses - que se juntaram aos demais colonizadores podem ser encarados com respeito e admiração. Eles vieram de um território perdido, de onde suas armas e seus braços não defenderam, impedindo a tomada castelhana.

Sua linha historiográfica tradicional é sentida também na outra obra de Walter Spalding por mim selecionada: *Construtores do Rio Grande*. Nesta obra em três volumes Spalding apresenta uma *bio-bibliografia*²⁹ de grandes homens e mulheres importantes para a história da construção do estado do Rio Grande do Sul. Cada personalidade tem sua biografia contada em capítulos de 2 a 6 páginas, aproximadamente, com a constante exaltação das qualidades destes homens e mulheres que construíram no braço, na força e no intelecto o estado gaúcho.

O título da obra e sua proposta por si só já seriam suficientes para percebermos seu estilo tradicionalista, mas ao longo da leitura de cada bio-bibliografia percebemos ainda mais como a ascendência de cada personalidade por ele tratada é extremamente importante. Em cada novo “construtor”, o autor pretende demonstrar o valor desse homem ou mulher através de sua árvore genealógica e relações parentais e de amizade, sendo este culto à ascendência outro traço característico da história tradicionalista, a história dos *grandes homens*. Para minha análise, selecionei apenas personagens importantes dentro da história da Colônia do Sacramento, entre eles, José Marcelino de Figueiredo³⁰, José da Silva Paes, Rafael Pinto Bandeira e Francisco Pinto Bandeira.

A começar a narrativa pelos Pinto Bandeira - pai e filho - notamos desde o início a importância da genealogia e da coragem destes homens que construíram o Rio Grande. Sobre a ascensão militar de Francisco Pinto Bandeira, Spalding demonstra a importância desse *lagunista* na “conquista final e definitiva da antiga Capitania d’El Rei de Espanha”³¹ para os domínios lusos.

Em consequência viria a incorporação ao domínio luso e formação rapidíssima do homem que sustentaria os lindes extremos do Brasil Sul a ferro e fogo, a pata de cavalo e ponta de lança, demarcando-os sem mais contestação em forma de

²⁹ SPALDING, Walter. *Construtores do Rio Grande*. Porto Alegre: Livraria Sulina Editora, 1969, v. 1, Nota Preliminar

³⁰ Nome fictício de Jorge Gomes de Sepúlveda. In: SPALDING, Walter. *Construtores do Rio Grande*. Porto Alegre: Livraria Sulina Editora, 1969, vol. II, p. 88

³¹ SPALDING, Walter. *Construtores do Rio Grande*. Porto Alegre: Livraria Sulina Editora, 1973, vol. III, p. 226.

coração, ao mesmo tempo que criava esse vulto ímpar que é o gaúcho brasileiro
[SPALDING, 1973, vol. III, p. 226]

Rafael Pinto Bandeira é descrito como “o grande fronteiro”³² por Spalding. No capítulo relacionado a ele, vemos o grande valor que Spalding dá ao Rafael Pinto Bandeira por este ter sido um “fronteiro-mor [...] defensor máximo dos lindos extremos do Brasil-sul”³³, e portanto as características mais prezadas em Rafael Pinto Bandeira foram as militares e de conhecimento geográfico do território do Rio Grande, pois em mais de uma situação, Walter Spalding relata o seu vasto conhecimento territorial sobre as terras do Rio Grande.

Enquanto na descrição dos Pinto Bandeira vemos a exaltação da coragem e dos feitos militares destes homens, na bio-bibliografia de José Marcelino de Figueiredo, vemos a questão da genealogia sendo mais enfatizada, sem se deixar de lado os feitos militares. Sobre ele Spalding afirma “que seria homem forte, de grandes iniciativas, que expulsaria os espanhóis, incentivando o espírito guerreiro do povo que desde os primórdios, em lutas armadas, se defendia como podia, defendendo as raias sulinas do Brasil”³⁴.

A ascendência de José Marcelino de Figueiredo é exaltada algumas vezes por Spalding, que busca incansavelmente em seus escritos sobre estes homens, demonstrar o valor deles como homens militares e como ramificações de ótimas famílias portuguesas. Segundo o autor, Figueiredo nasceu “na nobre família Sepúlveda, em Portugal ligada a não menos nobre família de igual nome em Espanha”³⁵. Vemos aqui a exaltação inclusive de uma família espanhola, mas esta exaltação acontece por esta família estar ligada à família de uma das personalidades tratadas por Spalding como figura elementar na construção do Rio Grande. Na defesa de seus homens e mulheres prestigiosos, Spalding defende até mesmo espanhóis, que em muitos momentos são vistos como inimigos.

Na narrativa sobre José da Silva Paes vemos novamente a exaltação do lado militar exercido pelo biografado. Associo a isto o fato citado pelo próprio autor de que Silva Paes descendia de uma família humilde, e por isso, não digna de atenção nos anais da história. Os

³² Idem, p. 228

³³ SPALDING, Walter. *Construtores do Rio Grande*. Porto Alegre: Livraria Sulina Editora, 1969, vol. II, p. 242.

³⁴ SPALDING, Walter. *Construtores do Rio Grande*. Porto Alegre: Livraria Sulina Editora, 1969, vol. II, p. 88

³⁵ Idem, p. 88.

feitos do homem que alçou posição dentro do mundo luso totalmente hierarquizado valem muito mais do que a trajetória de sua família sem nome e sem bens.

A obra onde consta a emblemática frase “ninho, antes de contrabandistas que de soldados” de Capistrano de Abreu também foi selecionada para figurar este capítulo. Capistrano de Abreu nasceu em 1853, e com 22 anos seguiu para a cômte no Rio de Janeiro em busca de um lugar entre os homens letrados que ali se encontravam. Sua escrita da história teve grande influência da obra de Francisco Adolfo de Varnhagen - importante membro do IHGB, prezava por uma história nacionalista e tradicionalista - e portanto seguiu numa linha nacionalista na escrita da História.

Em *Capítulos da História Colonial - de 1500 a 1800*, Abreu trata a Colônia do Sacramento de maneira pejorativa e desdenhosa. A valorização da constituição de uma identidade nacional, de um estado-nação no final do século XIX e início do século XX levaram à supervalorização do processo de expansão e conquista territorial, sendo Sacramento um território perdido, portanto motivo de vergonha e alvo de desmerecimento e esquecimento quando possível.

No capítulo onde Capistrano de Abreu cita a Colônia do Sacramento, há um claro desmerecimento da mesma, mas mais do que isto, a narrativa gira praticamente em torno de avanços diplomáticos e conquistas territoriais, onde Sacramento aparece apenas onde sua presença é inevitável para a veracidade dos fatos narrados. Além de não valorizar o território perdido aos castelhanos, Abreu desdenha dos homens que viveram em Sacramento, pois se a mesma era para ele “um ninho de contrabandistas”, não há como imaginar que ele tenha valorizado os portugueses que tentaram povoar Sacramento. Para o autor, em Sacramento - inclusive - se deu origem a um terrível tipo que povoou os pampas riograndenses: o gaúcho. Diferentemente de Walter Spalding, em que vemos o gaúcho descrito como o homem bravo, o corajoso, que através de sua espada e montaria conquistou e preservou o continente do Rio Grande, em Capistrano de Abreu o gaúcho é descrito como uma criatura vil, “originários da margem esquerda do Prata [...] e ainda não assimilados de todo à civilização”³⁶. Sua repulsa e recusa a tudo aquilo que não mais faz parte do todo nacional o leva a evitar o que pode ter tido influências que não portuguesas e se possível, esquecer totalmente.

³⁶ ABREU, Capistrano. *Capítulos da História Colonial - 1500 - 1800*. Brasília: Conselho Editorial do Senado Federal, 1998, p. 186

Um livro atual de historiografia selecionado para este capítulo é da historiadora Ieda Gutfreind. A autora é mestra em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e doutora em História Social pela Universidade de São Paulo.

No livro selecionado desta autora *A Historiografia Rio-grandense*, vemos que a Gutfreind se propõe a fazer um levantamento da produção sobre a história gaúcha, pois ela via a necessidade de um trabalho mais completo sobre o assunto. Porém, já na introdução do livro percebemos as escolhas da autora na sua seleção de trabalhos a ser analisados, e vemos que a colonização portuguesa da região do Rio da Prata não é considerada o pontapé do surgimento do Rio Grande do Sul. Os autores selecionados por Gutfreind são - em sua maioria - defensores da história lusa do Rio Grande, e portanto ignoram as interações com os castelhanos no extremo sul meridional da colônia portuguesa, que foi o efetivo ponto de interesse que levou os portugueses a colonizar o *continente do Rio Grande*.

A autora apresenta brevemente o dualismo que separa a historiografia riograndense por ela analisada em seu livro. De um lado estão a maioria dos autores, que defendem a matriz lusa na concepção do estado gaúcho. O primeiro defensor da matriz lusa em negação às influências platinas na gênese do Rio Grande do Sul foi o historiador Aurélio Porto, na década de 20 do século passado. Segundo a autora “Souza Docca dá continuidade e desloca o discurso, tornando-o mais convincente, Othelo Rosa expande e aprofunda a matriz lusitana, cabendo a Moysés Vellinho seu aprimoramento linguístico e literário, finalizando sua trajetória”³⁷, sendo portanto este o trajeto que o discurso criado por Porto toma nas mãos de outros historiadores. Do outro lado estão alguns poucos autores que defendem as influências castelhanas na formação do estado e de seu povo - a matriz platina -, levando em consideração o período de convívio às margens do Rio da Prata e as Missões Jesuíticas fundadas por jesuítas espanhóis no século XVII.

Embora apresente alguns autores que defendam a matriz platina do estado do Rio Grande do Sul, nota-se que a autora também tende à matriz lusa, pois num livro sobre historiografia riograndense não há um único capítulo que trate a Colônia do Sacramento e sua importância na empresa lusa de colonização do extremo sul meridional. Embora tenha sido uma região de efervescente contato com os castelhanos e ter se tornado território espanhol depois de um século

³⁷ GUTFREIND, Ieda. *A Historiografia Rio-Grandense*. 2ª ed. - Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1998, p. 45

de disputas bélicas e diplomáticas, Sacramento foi fundada pelos portugueses na sua campanha de expansão territorial no final do século XVII.

Outro autor que fora membro do IHGRGS selecionado para ter uma obra analisada por mim neste capítulo foi Moysés Vellinho e seu livro *Fronteira*. Vellinho nasceu em 1902, em Santa Maria e faleceu em 1980 em Porto Alegre. Em sua obra, como dito anteriormente, vemos a defesa da matriz ideológica lusa na formação do Rio Grande do Sul. Carina Santos de Almeida³⁸ caracteriza esta busca pela matriz lusa na formação do estado gaúcho como uma forma de encontrar uma unidade regional com o todo do Brasil e portanto “consolidar a unidade nacional”³⁹, sentimento importante num contexto de consolidação de um Estado Nacional e sua identidade.

Embora trate da consolidação das fronteiras gaúchas, Vellinho mal trata do início de colonização do extremo sul da colônia a partir da fundação de Sacramento. Laguna é muito mais importante neste processo expansionista para Vellinho do que Sacramento. O autor aponta inclusive mais o grande espaço territorial vazio entre Laguna e Sacramento do que a importância dessa praça. Os pedidos de povoamento deste espaço territorial aparecem mais enfatizados do que a importância estratégica de Sacramento, embora o autor a aponte brevemente que “apesar de perdido na distância, a função estratégica do escravo lusitano se mantinha a mesma, por certo”⁴⁰.

Embora cite Sacramento, pois seria impossível tratar da formação das *fronteiras* gaúchas sem citá-la, Vellinho o faz superficialmente, preferindo dar enfoque nas colonizações que deram certo, bem como na atitude dos *nobres portugueses* que lutaram para estabelecer estas fronteiras e impedir o avanço castelhano. Um bom exemplo disso é a narrativa sobre o cerco castelhano de 1735-37. Vellinho aponta a tentativa de socorro à praça com o envio de José da Silva Paes à praça, com reforços e mantimentos, tendo a plano todo sido arquitetado primeiro no Rio de Janeiro e consolidado em Laguna, mas o plano falhara. A tentativa de se livrar do cerco espanhol não deu certo, e para não reconhecer uma derrota militar lusa, as intempéries do tempo foram responsabilizadas, afim de preservar o nome e a honra dos homens portugueses.

Sua valorização do luso em detrimento do castelhano reafirma sua matriz lusa na formação do Rio Grande do Sul, pois seria inadmissível que os portugueses perdessem

³⁸ ALMEIDA, Carina Santos de. O debate Historiográfico entre Moysés Vellinho e e Manoelito de Ornellas. In: *Spartacus - Revista Eletrônica dos Discentes de História*, 2007.

³⁹ Idem, p. 2

⁴⁰ VELLINHO, Moysés. *Fronteira*. Porto Alegre: Editora Globo, 1975, p. 15

Sacramento em batalha aos castelhanos. Mais digno é colocar a natureza e suas peças lançadas contra os portugueses como culpadas de seu fracasso na tentativa de findar o cerco a Sacramento.

Do historiador e militar Riograndino da Costa e Silva selecionei o livro *Notas à margem da História do Rio Grande do Sul* (1968). As informações que obtive do autor foram encontradas na orelha do livro. O autor dedicou grande parte de suas pesquisas à história do Rio Grande do Sul e foi membro efetivo do IHGRGS.

Nesta obra, vemos que Costa e Silva perpassa a Colônia do Sacramento apenas quando é inevitável falar da mesma. Um dos subcapítulos de seu livro tem por título “A primeira povoação fundada à margem do Canal” onde o autor tratará sobre as povoações portuguesas no *continente*, dá-se margem para supormos que o autor trataria da fundação da Colônia do Sacramento, em 1680, mas esse prefere considerar como primeira povoação a a fundação de um pequeno núcleo populacional criada pelos lagunistas, em 1725, tendo em João de Magalhães o homem à frente desta incursão.

O autor ignora os 45 anos em que a Colônia do Sacramento já existia, provavelmente por ela atualmente ser território uruguaio, mas até 1777 Sacramento era território português, mesmo sendo constantemente disputada com Castela. É compreensível que Sacramento não figure como a primeira povoação do Rio Grande do Sul, pois hoje Sacramento é território uruguaio, mas ignorar o ímpeto português de colonizar o território oriental do Prata para impedir o avanço castelhano por estas terras e ter acesso ao lucrativo comércio vigente no Rio da Prata, e os esforços - mesmo que pequenos - de tornar Sacramento mais ligada ao restante da Colônia, com a fundação do forte Jesus, Maria e José em 1737, que viria a ser Rio Grande de São Pedro é algo muito arbitrário da parte do autor.

No trabalho do professor Fábio Kühn intitulado *Breve História do Rio Grande do Sul* vemos um posicionamento diferente em contraponto ao posicionamento historiográfico de Ieda Gutfreind e dos autores tradicionalistas em relação à importância da interação lusa com os castelhanos no extremo sul do continente. O autor critica duramente os trabalhos que supervalorizam “as rivalidades e a exclusão entre povoadores hispânicos e lusitanos”⁴¹ em favor do mito da construção totalmente lusa do Rio Grande do Sul, sem as influências hispânicas - que foram grandes, não há como se negar. O autor critica Moysés Vellinho e sua obra *Fronteira*, alegando que a construção que se faz nesta obra é uma tentativa de demonstrar na gênese do

⁴¹ KÜHN, Fábio. *Breve História do Rio Grande do Sul*. 2ª edição. Porto Alegre: Leitura XXI, 2004, p. 25.

estado gaúcho a presença apenas de ilustres homens portugueses, que trabalharam e lutaram para que aquele pedaço de chão fosse português, e conseqüentemente brasileiro. Esta construção de Vellinho exclui a história de locais que tiveram o predomínio castelhano em sua origem, como os Sete Povos das Missões. Para Fábio Kühn, esta negação da influência castelhana faz parte da visão da história tradicional, que via que

o Rio Grande estaria historicamente determinado a ser brasileiro, o que fazia com que tudo que pudesse lembrar as inegáveis influências platinas (castelhanas) fosse minimizado ou mesmo omitido. Um bom exemplo é a história dos Sete Povos das Missões, que não é considerada como parte da história do Rio Grande do Sul simplesmente porque os jesuítas estavam a serviço da Coroa espanhola. [KÜHN, 2004, p. 26]

Para Kühn, a compreensão da fronteira sul da colônia portuguesa deve ser feita através da aceitação de que não havia um limite claramente estabelecido, pois a fronteira precisa ser compreendida como em constante movimento durante o período colonial, “com intensa circulação de homens e mercadorias, em um contexto demográfico heterogêneo e numa conjuntura de instabilidade política”⁴².

Sobre a Colônia do Sacramento, Fábio Kühn apresenta um breve histórico sobre sua fundação em 1680 como reação ao fim da União Ibérica e à conseqüente expulsão dos portugueses de Buenos Aires e de seu afastamento do lucrativo comércio com os castelhanos. O autor ainda afirma que além dos interesses comerciais, Sacramento foi fundada como um trunfo português, para servir como moeda de troca com os castelhanos quando fosse conveniente, o que acabou por acontecer quando em troca de Sacramento, os portugueses exigiram a retirada dos jesuítas espanhóis dos Sete Povos das Missões, embora este acordo não tenha sido de fácil execução devido à resistência dos índios e dos jesuítas que ocupavam este território.

O autor contextualiza todos os movimentos de tomada e retomada da Colônia do Sacramento entre portugueses e espanhóis que foram realizados ao longo do século XVIII, além de todos os acordos diplomáticos assinados entre as duas coroas, embora estes fossem muitas vezes desobedecidos nas colônias. O último tratado firmado foi de o Santo Ildefonso, em 1777.

⁴² KÜHN, Fábio. *Breve História do Rio Grande... Op. cit.* p. 27.

Este tratado “previa a entrega definitiva da Colônia aos espanhóis, sem nenhuma contrapartida”⁴³, o que colocava Portugal em desvantagem em relação à Castela. O valor do continente do Rio Grande era significativo para os portugueses, embora estes só tenham conseguido a posse da região das Sete Missões após a expulsão dos jesuítas (1768), fato que levou às Sete Missões a serem comandadas pelos próprios índios. Este governo indígena que acarretou à decadência do povoamento da região, que foi então efetivamente tomado pelos portugueses em 1801, “por meio de ação de guerrilha, logo apoiada pelo governo português”⁴⁴.

O historiador Fabrício Prado faz parte de uma geração livre das dores e das ideologias nacionalistas, e portanto escreve uma obra sobre Sacramento mais imparcial, buscando dar os devidos créditos à esta praça que foi fundada às margens do Rio da Prata. Em sua dissertação⁴⁵, que posteriormente virou livro, Fabrício Prado busca reinserir a Colônia do Sacramento na história do Brasil e dar a ela o devido valor que a mesma teve na história do Brasil colônia, no avanço para o extremo sul e nas relações comerciais e diplomáticas entre Portugal e Castela.

Fabrício Prado busca - em muitos momentos - reconstruir uma boa imagem para Sacramento, pois a mesma havia sido denegrada por muitas décadas através da historiografia nacionalista, fazendo com que a mesma fosse inclusive excluída totalmente da nossa história. O autor busca demonstrar toda a importância comercial e estratégica de seu posicionamento, bem como sua vida cotidiana e as relações com Buenos Aires, voltando-se para uma matriz historiográfica que aceita as influências castelhanas na constituição do Rio Grande do Sul, e mais ainda, na própria Colônia.

Por fim, selecionei 4 livros didáticos para Ensino Fundamental e Médio⁴⁶ disponíveis na biblioteca aos alunos de uma escolar particular na Grande Curitiba.

No livro de Nelson Piletti (7ª série), vemos a expansão ao extremo sul da colônia como consequência da grande quantidade de gado vacum “selvagem” presente na região. Para o autor “portugueses e paulistas começaram a se estabelecer [no sul], aproveitando o gado disperso que

⁴³ Idem, p. 38

⁴⁴ Idem, p. 38

⁴⁵ PRADO, Fabrício. *Colônia do Sacramento... Op. cit.*

⁴⁶ BOULOS JUNIOR, Alfredo. Coleção História, Sociedade e Cidadania. Alfredo Boulos Junior. - São Paulo: FTD, 2004, vol. 3, 8º ano; FIGUEIRA, Divalte Garcia. Série Novo Ensino Médio: História, volume único. - São Paulo: Editora Ática, 2007; PILETTI, Nelson. História e vida integrada: livro para análise do professor / Nelson Piletti, Claudino Piletti. - Nova ed. reform. e atual. - São Paulo: Ática, 2005, vol. 3, 7ª série; RODRIGUE, Joelza Ester, História em documento: imagem e texto / Joelza Ester Rodrigue. - São Paulo: FTD, 2001. - (Coleção História em documento: imagem e texto) vol. 2, 6ª série.

lá ficara após a destruição das Missões”⁴⁷, ignorando portanto o fato dos Sete Povos das Missões terem sido destruídos depois do Tratado de Madrid, em 1750, e que os portugueses avançaram para o sul a partir da fundação da Colônia do Sacramento, 1680. A fundação de Laguna (1676 ou 1684 - as datas da fundação de Laguna divergem) e de Rio Grande de São Pedro (1737) fizeram parte deste processo expansionista português ignorado por Piletti. O autor até chega a citar a assinatura dos tratados de Utrecht (1715), de Madrid (1750) e de Santo Ildefonso (1777), mas não contextualiza a assinatura destes tratados em relação às ações que levaram que os mesmos fossem acordados entre as Coroas Portuguesa e Espanhola. Como vemos o autor praticamente ignorar inclusive a existência dos Sete Povos das Missões, e creditar o início da povoação do sul ao período posterior ao ano de 1750, logo o autor tampouco trata da existência da Colônia do Sacramento e de sua relevância no período em que pertenceu ao Império Português.

Já no livro de Joelza Ester Rodrigue, sequer vemos os tratados assinados entre Portugal e Castela serem apresentados. Portanto, pode-se concluir que a colonização do sul da colônia também foi omitido em sua obra. Não há uma linha sequer que explique ou justifique a ida ao sul.

No obra do autor Divalte Garcia Figueira, este descreve em seu livro a fundação da Colônia do Sacramento como parte do processo expansionista português do século XVII que fundou Paranaguá (1648), Curitiba (1668), Nossa Senhora do Desterro (atual Florianópolis - 1675) e Laguna (1676). O autor, entretanto, não levou em consideração que o avanço por terra ao sul da colônia fora efetuado pelos paulistas, enquanto Sacramento fora colonizada por mar, pelos fluminenses. O autor contextualiza o fato de que a fundação da Colônia do Sacramento foi vista como uma afronta pelos castelhanos de Buenos Aires, e por isso foi um território constantemente disputados belicamente.

Entre os quatro livros por mim selecionados, o que tem uma abordagem mais completa é o de Alfredo Boulos Junior. Em seu livro, Boulos Junior apresenta a Colônia do Sacramento como uma cidade de fundação portuguesa, fundada para suprir o desejo expansionista do monarca português. O autor aponta que a região compreendida entre Sacramento e Laguna era considerada “terra de ninguém”, pois no século XVII não haviam espanhóis nem portugueses nessas terras.

A expansão e colonização mais efetiva do sul acontece a partir de 1730, segundo o autor, e só é empreendida devido à necessidade de gado na região das Minas Gerais. Em seguida o

⁴⁷ PILETTI, Nelson. *História e vida integrada...* Op. cit. p. 43

autor explica brevemente os tratados de Utrecht, de Madrid, de Santo Ildefonso e de Badajós (1801), além de contextualizar brevemente os termos de cada tratado no quesito de ganhos e perdas de terras da Coroa Portuguesa. Embora sua explicação seja sucinta como dos outros dois autores que citaram Sacramento e a expansão ao sul, esta se faz de maneira mais completa e verídica, sem menosprezar Sacramento por ser um território perdido.

Com esta breve revisão historiográfica, nota-se que na historiografia nacionalista do final do século XIX e início do século XX há uma vergonha e um repúdio à história da Colônia do Sacramento enquanto território fundado por portugueses, mas perdido aos castelhanos. Ao compararmos um mapa do Brasil do século XVIII com um dos fins do século XIX, vemos de maneira clara a representativa expansão a oeste e ao sul, com muitos territórios conquistados que ultrapassam o limite do Tratado de Tordesilhas. A Colônia do Sacramento é um dos poucos - senão o único - território que fora perdido, portanto representa uma vergonha, e para tentar superar está mácula, a historiografia nacionalista prefere denegrir ou simplesmente ignorar sua existência e importância na História do Brasil Colonial.

Já nos trabalhos historiográficos mais recentes, como o de Fábio Kühn e de Fabrício Prado, vemos um rompimento com a historiografia nacionalista que tenta apagar Sacramento da nossa história e da nossa memória. Há, por outro lado, um resgate das origens e do valor da Colônia do Sacramento. Entretanto, nos livros didáticos por mim analisados, que se encontram escritos na última década, ainda vemos uma grande omissão da Colônia do Sacramento, quando não um silêncio total em relação à sua existência.

2.2. Os usos de Simão Pereira de Sá e da sua *Historia Topografica*

O já citado trabalho de Viviane Sueli Marques é uma análise filológica e linguística fazendo uso da obra de Simão Pereira de Sá - a crônica *Historia Topografica e Belica da Nova Colonia do Sacramento do Rio da Prata*. Embora a autora foque nas questões linguísticas, no primeiro capítulo de sua dissertação ela busca contextualizar historicamente o autor e sua obra, apresentando inclusive uma breve história da própria Colônia do Sacramento.

Neste intuito de apresentar a história da Colônia do Sacramento e ressaltar a importância da obra de Pereira de Sá, Viviane Marques comete o erro de acreditar que as intenções do autor são desinteressadas. Marques faz um uso diferente de Pereira de Sá em comparação aos outros

autores que tratarei aqui. Embora não use Pereira de Sá como detentor da verdade, para *contar uma história*, a autora acredita em suas palavras e busca defendê-lo e legitimar a sua escrita novamente através das palavras de José Honório Rodrigues onde afirma que a obra tem um “estilo retórico, seu conteúdo é episódico e eventual, sem nenhum interesse social e econômico”⁴⁸.

Na obra de Fabrício Prado anteriormente utilizada aqui vemos usos mais diretos de Simão Pereira de Sá e de sua crônica como detentoras da verdade. Embora Fabrício Prado tenha uma visão e uma postura mais crítica e independente da historiografia nacionalista, que prezava pelos grandes heróis e batalhas, quando se trata do uso de Simão Pereira de Sá, Prado age de maneira no mínimo inocente. O autor cita a *Historia Topografica e Belica* algumas vezes em seu livro, de maneira a contextualizar o cotidiano da Colônia do Sacramento, mas isso sem levar em consideração quem foi Simão Pereira de Sá e quais foram as motivações de sua escrita. Embora na introdução o autor faça uso de maneira crítica e aponte alguns equívocos de Moysés Vellinho e Capistrano de Abreu ao denegrir a Colônia sem considerar diversos fatores importantes, no uso de Simão Pereira de Sá Fabrício Prado cai para o outro extremo: o uso da crônica para “defender” Sacramento, para relocar Sacramento na nossa história e historiografia, mas sem um olhar crítico.

Alguns dos trechos de Simão Pereira de Sá utilizados por Prado podem ser considerados inocentes, ou pelo menos sem a grande exaltação aos portugueses e à Colônia do Sacramento como vemos em outros momentos, como por exemplo ao falar dos preparativos para tentar um contra-ataque aos castelhanos em 1737, onde Prado afirma que “Silva Paes desembarcou na barra do Rio Grande de São Pedro. Cristóvão Pereira e Domingo Fernandes, que haviam avançado com os preparativos de Laguna, o esperavam”⁴⁹. Não há um uso exacerbado da retórica e de exageros linguísticos por parte de Simão Pereira de Sá, portanto não é um trecho perigoso para se basear.

Em outros momentos, entretanto, vemos toda a veia retórica de Simão Pereira de Sá em ação, e mesmo assim Fabrício Prado utiliza-se dos escritos desse de maneira acrítica. Ao referir-se ao início do governo de Antônio Pedro de Vasconcelos sob a Colônia do Sacramento, Prado faz a seguinte afirmação e uso de Pereira de Sá:

⁴⁸ RODRIGUES, José Honório. apud MARQUES, Viviane Sueli. *Edição semidiplomática de História topográfica...* Op. cit. p. 15

⁴⁹ PRADO, Fabrício. *Colônia do Sacramento...* Op. cit. p. 54

para a garantia da cidade, e buscando aumentar a segurança das adjacências das muralhas, consolidou-se, a partir do ano de 1722, sob a administração do hábil governador Antônio Pedro de Vasconcelos, obras de estruturação e fortificação da Praça. Buscou-se garantir a permanência dos povoadores e a manutenção do comércio [...] “...comessou a augmentar illustremente a Povoação, cingindo a Fortaleza de muralhas mais robustas. Cuidou os mesmo da fortificação e bem publico, civilizando os moradores, q. contra a necessaria regularidade seguiu na construção dos edificios as propensões do interesse, os affectos da vontade”⁵⁰. [PRADO, 2002, p. 96]

Aqui Prado parece ignorar o trecho anterior do escrito de Pereira de Sá. Nos parágrafos anteriores, Pereira de Sá está a se referir à uma das batalhas travadas entre os portugueses e os castelhanos nas proximidades da Colônia. No contexto do texto, notamos que Pereira de Sá queria neste momento, mais do que elogiar a Colônia do Sacramento, elogiar o novo governador que nela fora estabelecido, buscando demonstrar que enquanto o último governador tivesse sido bom, esse seria ainda melhor.

Num outro trecho, Fabrício Prado além de fazer uso indiscriminado da crônica de Simão Pereira de Sá, afirma que o relato *rico* “da realidade urbano-demográfica da praça” foi feito *in loco* por Simão Pereira de Sá, embora não apresente documentação para provar sua afirmação. Na realização deste trabalho procurei indícios da presença de Simão Pereira de Sá em Sacramento para a escrita de seu terceiro relato, mas nada foi encontrado. Em relação à própria crônica, Fabrício Prado comenta o trecho por ele utilizado nos seguintes termos:

pode-se inferir, a partir das impressões registradas por Simão Pereira de Sá, que a concentração demográfica que o núcleo urbano parece ter atingido foi alta, determinando seu crescimento nos arrabaldes extra-muros. Tal fato foi reflexo de um progressivo crescimento da importância da cidade em diversas dimensões para as comunidades da região. Sacramento possuía uma vida interna agitada, era um pólo de sociabilidade, comércio, prostituição, lugar de obtenção de bebida e tabaco... Colônia, ao longo da primeira metade dos 1700 tornou-se, progressivamente, um centro regional, integrado num complexo maior, do qual

⁵⁰ SÁ, Simão Pereira de. apud PRADO, Fabrício. *Colônia do Sacramento... Op. cit.* p 96.

constituía apenas uma das partes: era a principal cidade-porto da Banda Oriental [PRADO, 2002, p. 104]

Fabrizio Prado além de fazer uso indiscriminado e acrítico da crônica de Simão Pereira de Sá, comenta o trecho por ele citado atribuindo uma verdade inegável e inquestionável às palavras de Pereira de Sá. Prado parece ignorar que a crônica fora feita sob encomenda de Gomes Freire de Andrade, e tinha algumas finalidades em si, como provavelmente convencer a Coroa portuguesa do valor de Sacramento. Em alguns outros momentos Prado faz usos semelhantes da obra de Simão Pereira de Sá, sem uma contextualização ou crítica.

Da historiadora Martha Daisson Hameister selecionei dois trabalhos que fazem uso da crônica de Simão Pereira de Sá de maneira acrítica: “*O continente do Rio Grande de São Pedro: os homens, suas redes de relação e suas mercadorias semoventes (c. 1727-c. 1763)*” e “*No princípio era o caos: a formação de um povoado na fronteira americana dos Impérios Ibéricos através do estudo das relações de compadrio*”⁵¹.

Os usos que Hameister faz de Simão Pereira de Sá são mais pontuais do que os usos vistos em Fabrizio Prado. Em sua dissertação de mestrado, Hameister vale-se da *Historia Topografica e Belica* para apresentar Cristóvão Pereira de Abreu. Ali a autora usa diversos dos relatos e elogios vindos por parte de Pereira de Sá na descrição de Pereira de Abreu, sem - a princípio - levar em conta os interesses por trás de seu tom elogioso. A autora afirma que em seu texto “não se questionam aqui os atos de bravura e as atitudes singulares de Cristóvão Pereira de Abreu, pois assim procedendo, estariam sendo jogados fora os relatos e parte do juízo que dele faziam seus coevos”⁵² e que tais relatos foram inspirados em parte na obra de Simão Pereira de Sá, onde o autor “ao contar as façanhas de Cristóvão Pereira de Abreu, empresta-lhe modos quase que sobre-humanos”⁵³, e que por sua vez nem mesmo os *modos quase sobre-humanos*, frutos da retórica exarcebada de Simão Pereira de Sá foram indícios para a autora de que era necessário tomar cuidado com as palavras envolventes e cativantes de Pereira de Sá. A autora usa inclusive

⁵¹ HAMEISTER, Martha Daisson. *O continente do Rio Grande de São Pedro: os homens, suas redes de relações e suas mercadorias semoventes (c. 1727-c. 1763)*; HAMEISTER, Martha Daisson. *No princípio era o caos: a formação de um povoado na fronteira americana dos Impérios Ibéricos através do estudo das relações de compadrio*. *Revista de História Regional*. Vol. 15, 2010

⁵² HAMEISTER, Martha Daisson. *O continente do Rio Grande de São Pedro: os homens, suas redes de relações e suas mercadorias semoventes (c. 1727-c. 1763)*, p. 112.

⁵³ Idem, p. 112

termos recorrentes na crônica de Pereira de Sá ao se referir a outros homens, os ditos “heróis da Sacramento sitiada”⁵⁴.

Embora pareça ingênua ao fazer tal uso de Simão Pereira de Sá, Hameister afirma posteriormente que é possível perceber o trabalho retórico de Simão Pereira de Sá “que reforçando-se aspectos singulares e ‘esquecendo-se’ de outros, se obtém a legitimação para a própria hierarquização da sociedade em surgimento”⁵⁵. Por mais que a autora não se proponha a analisar as qualidades retóricas de Pereira de Sá, ela percebe as armadilhas habilmente traçadas por ele. Hameister também não busca construir um mito sobre Cristóvão Pereira de Abreu, o que fica explícito quando ela apresenta algumas características *menos nobres* deste.

Já em seu artigo “*No princípio era o caos: a formação de um povoado na fronteira americana*”, o uso de Simão Pereira de Sá se limitam à uma breve contextualização da Colônia do Sacramento na década de 1720, onde a autora aponta a riqueza da narrativa feita por Pereira de Sá nesta fase de colonização de Sacramento, o que não é necessariamente um exagero, pois a crônica de Pereira de Sá ganha outros ares em seu *Livro III*, onde o relato do autor é de fato rico e completo, embora deve-se olhar com cuidado os elogios e exaltações feitas por Pereira de Sá ao longo de toda sua crônica.

Outro autor que tem trabalhos voltados para a Colônia do Sacramento é Paulo César Possamai. A produção acadêmica de Possamai é quase inteiramente voltada para a Colônia do Sacramento, tendo diversos artigos sobre a mesma, além de sua tese de doutorado intitulada *O Cotidiano da Guerra: A vida na Colônia do Sacramento (1715-1735)*, a qual não tive acesso.

Para analisar os usos de Simão Pereira de Sá em Possamai, selecionei dois artigos deste autor⁵⁶ dos quais falarei brevemente a seguir. Em “A Colônia do Sacramento: Uma praça de guerra do Império Colonial Português” Possamai se vale da crônica de Simão Pereira de Sá num único momento, enquanto ele traça paralelos entre as forças de defesa de Sacramento com outras empresas lusas, principalmente aquelas empreendidas no Oriente, como na Índia e no Marrocos. Segundo o autor

⁵⁴ Idem, p. 112

⁵⁵ Idem, p. 113.

⁵⁶ POSSAMAI, Paulo César. A Colônia do Sacramento: Uma praça de guerra do Império Colonial Português. *História em Revista*, Pelotas. Vol. 13, 2007, pp. 09-28; POSSAMAI, Paulo César. De núcleo de povoamento à praça de guerra: a Colônia do Sacramento de 1735-1777. *Topoi*. Vol. 11, n. 21, jul.-dez. 2010, pp. 23-36.

também as atuações militares desastrosas ou as heróicas defesas dos muros de Sacramento encontram muitos paralelos com a história dos portugueses no Oriente. [...] O mesmo se pode dizer da atuação dos portugueses nas praças de guerra do litoral marroquino, em cujas muralhas muitas vezes as mulheres combateram ombro a ombro com os homens, como aconteceu na Colônia do Sacramento por ocasião do sítio espanhol. Em 1736, quando os inimigos tentaram tomar de assalto o povoado, segundo o cronista Simão Pereira de Sá, as mulheres “largaram as almofadas, e pegaram nas lanças, arrimando-se às muralhas com espíritos tão estranhos ao sexo, que pareceram acostumadas àquele robusto exercício”⁵⁷. [POSSAMAI, 2007, p. 23]

Embora possamos acreditar que de fato as mulheres pegaram em armas para defender a Praça e a si mesmas, é de se questionar a forma com que Pereira de Sá retrata tal evento. Acreditar que um cronista formado em Coimbra - portanto com uma educação bem tradicionalista - visse com um olhar elogioso mulheres às armas pelo simples fato destas estarem a defender sua Praça tão valorosamente quanto os homens é no mínimo ingenuidade. É sabida a visão de que o lugar das mulheres era cuidando dos filhos e da casa, e portanto o discurso encomendado de Simão Pereira de Sá se mostra novamente neste trecho, pois para provar o valor tamanho de toda gente da Colônia do Sacramento e da própria Praça, Pereira de Sá não desdenha das mulheres que por ela lutaram. Possamai, no entanto, não notou - ou preferiu ignorar - os motivos por trás dessa escrita.

Já no artigo *De núcleo urbano à praça de guerra: a Colônia do Sacramento de 1735-1777*, Possamai utiliza de maneira ainda mais indiscriminada e em diferentes momentos a crônica de Simão Pereira de Sá. O autor se vale da crônica para narrar episódios de desavenças entre soldados recém-chegados da Bahia em auxílio à Colônia com os moradores locais, as indisposições entre os comerciantes alocados à líderes militares e os soldados sob suas ordens que não os obedeciam, além da importante contribuição dos comerciantes à guerra. Segundo Possamai argumenta baseando-se em Pereira de Sá, aos comerciantes cabia a função “de fornecer empréstimos que possibilitassem ao governador Vasconcelos realizar o pagamento das tropas”⁵⁸,

⁵⁷ SÁ, Simão Pereira. apud POSSAMAI, Paulo César. A Colônia do Sacramento... *Op. cit.* p, 23

⁵⁸ POSSAMAI, Paulo César. De núcleo de povoamento à praça de guerra... *Op. cit.* p. 27

pois assim se evitaria a insubordinação dos soldados a seus superiores por insatisfação devido à falta de pagamento de seus soldos.

Os últimos usos da crônica de Simão Pereira de Sá se dão no sentido de relatar os dias de fome em que a Colônia do Sacramento se encontrava devido ao forte cerco imposto pelos castelhanos. Enquanto Pereira de Sá afirma que nem mesmo cachorros, gatos e ratos fugiam de servir de alimento aos moradores da Colônia, a linha de interpretação pode seguir em duas vias diferentes: na primeira, Pereira de Sá poderia querer demonstrar quão desesperadora estava a situação da Praça, a tal ponto de levar seus moradores a se rebaixar a tal ponto; na segunda poderia ser percebido uma maneira chocante e forte de exigir maiores esforços da Coroa no envio de tropas e mantimentos para que se continuasse a defesa da Praça. Baseada no contexto em que Possamai insere tal texto, creio que ele se valeu da primeira interpretação, a mais fácil. Pereira de Sá apenas relatava um fato. Baseada em minha leitura e interpretação da fonte, acredito que Pereira de Sá pendia mais à segunda interpretação, na qual mostrava o valor dos homens e mulheres da Colônia mesmo em meios insalubres de vida, que continuavam lutando, e portanto mereciam ser ajudados a todo custo.

A partir da leitura de textos que utilizaram Simão Pereira de Sá como fonte, é possível notar o uso ingênuo e acrítico da sua crônica aqui trabalhada. Por mais elaborada que seja a retórica do autor, cabe ao historiador tentar compreendê-la e se livrar das armadilhas preparadas ao longo do caminho. No próximo capítulo tentarei desarticular algumas destas armadilhas, dando embasamento teórico para a compreensão e análise da escrita de Simão Pereira de Sá em sua *Historia Topografica e Belica da Nova Colonia do Sacramento do Rio da Prata*.

3. O poder da retórica na crônica de Simão Pereira de Sá

3.1. Delimitação e compreensão do público alvo da oratória

Como base teórica para a análise aqui pretendida, usarei o livro *Tratado de argumentação: a nova retórica*⁵⁹ de Chaim Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca como meu suporte teórico. O uso destes autores para a análise da retórica presente na *Historia Topografica e Belica da Nova Colonia do Sacramento do Rio da Prata* de Simão Pereira de Sá se deu devido à rica explicação acerca da arte da retórica em sua obra, podendo assim compreendê-la a partir de alguns de seus princípios básicos, e a partir deles estabelecer alguns procedimentos metodológicos para conduzir minha análise.

Já na Introdução do livro, os autores definem que toda argumentação se desenvolve em função do auditório do orador. Para os autores “todo discurso se dirige a um auditório, sendo muito frequente esquecer que se dá o mesmo com todo escrito”⁶⁰. Enquanto toda a argumentação de qualquer orador é diretamente influenciada pelo auditório ao qual o orador se dirige, há uma grande dificuldade em se definir efetivamente qual é este mesmo auditório. Os autores apontam, que em se tratando de retórica, o auditório deve ser delimitado “como o conjunto daqueles que o orador que influenciar com sua argumentação”⁶¹.

Para melhor localizar o leitor que busca uma compreensão da construção efetiva e eficiente de um discurso retórico, Perelman e Olbrechts-Tyteca nos apresentam um primeiro conceito básico, mas extremamente importante e influente na construção da retórica de qualquer orador: o auditório. Para os autores, há três tipos diferentes de auditórios, sendo o primeiro o universal “constituído pela humanidade inteira, ou pelo menos por todos os homens adultos e normais [...] o segundo formado, no diálogo, unicamente pelo *interlocutor* a quem se dirige; o terceiro, enfim, constituído pelo *próprio sujeito*, quando ele delibera ou figura as razões de seus atos.”⁶² O auditório universal é quase que utópico, pois dificilmente um orador conseguirá se dirigir a toda a humanidade de uma só vez, portanto sempre será apenas um grupo de pessoas que

⁵⁹ PERELMAN, Chaim, OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado de argumentação: a nova retórica*; tradução Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão; [revisão da tradução Eduardo Brandão]. - 2ª ed. - São Paulo: Martins Fontes, 2005. - (Justiça e direito)

⁶⁰ Idem, p. 7

⁶¹ Idem, p. 22

⁶² Idem, p. 33-34

será atingida pelo discurso em questão, ou seja, um auditório particular. Este grupo de pessoas, por sua vez, influenciará as maneiras e palavras do orador, pois os autores afirmam que qualquer discurso é construído com base no auditório que o receberá.

Na crônica de Simão Pereira de Sá nota-se que o orador conhecia muito bem seu pretendido auditório e escreve de maneira tal que caso seu auditório fosse universal, apenas uma parcela ínfima da totalidade se interessaria - ou mesmo compreenderia - o discurso construído por Pereira de Sá.

A escrita floreada de Simão Pereira de Sá, o constante uso da História Antiga e da Mitologia Grega e a repetição dos heróis dessas histórias são elementos que nos demonstram que o público que Pereira de Sá tem em mente ao escrever é um auditório intelectualizado, que entenderia as referências à grandes heróis gregos e romanos sem que haja necessidade de contextualizá-los. Os soldados mortos viravam verdadeiros heróis na pena de Pereira de Sá, tornando-se assim “verdadeiros Hercules, Theseos, e Anteos do Emisferio Brasilico”⁶³ e a própria Colônia se fazia “outra Cartago”⁶⁴, a honra dos soldados espartanos era exaltada e comparada à dos soldados portugueses, que em meio a deliberações “ouvio os meyoos propostos ao parecer do Areopago, o qual julgando o Concelho util, mas não honrado, decido prudentemente.., que não podia ser util o que não era decorozo, honesto”⁶⁵, a determinação dos soldados romanos, incentivados por seus líderes, quando “com natural afabilidade redduzio o Povo que tornassem às armas, como fez Scipião ao partido Romano, o fero Silfax”⁶⁶ referências não compreensíveis a qualquer público.

A crônica de Simão Pereira de Sá - portanto - visava efetivamente alcançar um auditório, o qual suponho tenha sido o Conselho Ultramarino e outros homens letrados com influências sobre as decisões régias. Levando em consideração esta possibilidade de delimitação - ainda que imprecisa - do auditório feita por Perelman e Olbrechts-Tyteca, podemos supor que o auditório visado por Simão Pereira de Sá para sua crônica eram os homens que tinham influência o suficiente dentro do Império Português para defenderem a manutenção da Colônia do Sacramento perante o rei, mesmo ante às pressões feitas por Castela.

⁶³ SÁ, Simão Pereira de. *Historia Topografica e Belica.. Op. cit..* p. 18

⁶⁴ Idem, p. 15

⁶⁵ Idem, pp. 20-21

⁶⁶ Idem, p. 41

Como a crônica fora encomendada por Gomes Freire de Andrade, esta devia primeiramente satisfazer o interesse e o gosto desse, para que então Gomes Freire de Andrade pudesse usá-la como argumento perante o Conselho Ultramarino⁶⁷ e uma certa elite letrada, da qual posso apenas supor o perfil, sem efetivamente chegar a um conjunto de nomes, trajetórias e características dos homens inclusos neste grupo. Para Perelman e Olbrechts-Tyteca, qualquer que seja o auditório, este sempre influencia diretamente na construção da escrita e da argumentação do orador.

Os autores se valem de Vico para justificar a importância do auditório sob a argumentação do orador. Nas palavras de Vico “todo o objeto da eloquência é relativo aos nossos ouvintes, e é consoante suas opiniões que devemos ajustar os nossos recursos”⁶⁸, e em suas próprias palavras, os autores continuam defendendo a importância e influência do auditório sobre o orador. Para eles “o importante, na argumentação, não é saber o que o próprio autor considera verdadeiro ou probatório, mas qual é parecer daqueles a quem ela se dirige”⁶⁹.

No prólogo de sua crônica, Simão Pereira de Sá apresenta a mesma de maneira breve, e busca estabelecer um diálogo com seu leitor. Em suas primeiras palavras, podemos supor que ele de fato se dirige a homens do *Velho Mundo*, pois ao início de seu texto, justifica a sua existência devido “a sem razão com que vivem no esquecimento os Espíritos mais nobres do novo Mundo Brasilico”⁷⁰. Uma ofensa pode soar como um elogio às avessas por vez ou outra, já que ao criticar a falta de memória dos homens do Novo Mundo, Pereira de Sá afirma implicitamente que os homens do Velho Mundo valorizam a memória.

⁶⁷ A partir da dissertação de mestrado de Erica Cristina Camarotto de Souza intitulada *Apontamentos Diplomáticos sobre Consultas do Conselho Ultramarino referentes à Capitania de São Paulo*, defendida na Universidade de São Paulo no ano de 2007, fiz um levantamento de quem foram os integrantes do Conselho Ultramarino nas décadas de 1740 e 1750, e os nomes listados (seguidos pela data da posse do Conselheiro) foram: Alexandre de Gusmão (1743), Thome Joaquim da Costa Corte Real (1743), Antonio Freyre de Andrade Henriques (1745), Diogo Rangel de Almeida Castelo Branco (1749), Fernando José Marques Bacalhao (1749), Marquês de Penalva [Estêvão de Menezes] (1749), Antonio Lopes da Costa (1753) e Francisco Lopes de Carvalho (1753). Estes homens são os prováveis membros do auditório pretendido por Simão Pereira de Sá e Gomes Freire de Andrade para o convencimento sobre a importância da Colônia do Sacramento, pois eram pertencentes ao grupo mais influente nas decisões régias, o Conselho Ultramarino. Entretanto, não tenho como afirmar que estes tenham sido os homens alcançados pela crônica de Simão Pereira de Sá, tanto por não haver a confirmação do período em que a crônica fora escrita, como também por não ter tido acesso a algum quadro completo sobre os Conselheiros Ultramarinos do período.

⁶⁸ VICO, Giambattista. apud PERELMAN Chaim, OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado de argumentação: a nova retórica*; tradução Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão; [revisão da tradução Eduardo Brandão]. - 2ª ed. - São Paulo: Martins Fontes, 2005. - (Justiça e direito), p. 26.

⁶⁹ PERELMAN, Chaim, OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado de argumentação.. Op. cit..* pp. 26-27

⁷⁰ SÁ, Simão Pereira de. *Historia Topografica e Belica.. Op. cit..* p. 3

“É, de fato, ao auditório que cabe o papel principal para determinar a qualidade da argumentação e o comportamento dos oradores”⁷¹. No prólogo da crônica de Pereira de Sá, podemos notar que a opinião de seus leitores é importante ao Pereira de Sá, e ele busca agradar seu auditório enfatizando a importância do mesmo e de sua opinião através do diálogo direto com o leitor.

Pio Leitor amigo, que do meu zello nasça a tua urbanidade, para que desmerecendo a forma por desagradavel te agrade a materia por saboroza; pois como leva por alma a pura e irrefragavel verdade sempre em tua cortez estimação, te roubara o agrado esta virtude que adquirindo das benevolencias os applauzos contra as mordacidades dos criticos, fique confessando mais atenções a tua cinserdade, que obzequios a tua lisonja. [SÁ, 1993, p. 4]

Embora Perelman e Olbrechts-Tyteca afirmem que as condições psíquicas e sociais do auditório sejam relevantes para a construção da argumentação, “sem os quais a argumentação ficaria sem objeto ou sem efeito”, vemos num segundo momento os autores afirmarem que justamente este efeito do auditório - principalmente de um auditório particular - sobre o orador pode ser extremamente negativa, pois

toda argumentação que visa somente a um auditório particular oferece um inconveniente, o de que o orador, precisamente na medida em que se adapta ao modo de ver de seus ouvintes, arrisca-se a apoiar-se em teses que são estranhas, ou mesmo francamente opostas, ao que admitem outras pessoas que não aquelas a que, naquele momento, ele se dirige. [PERELMAN, OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 34]

3.2. As técnicas argumentativas na construção de um discurso e os usos que Simão Pereira de Sá faz dessas

Como apontado anteriormente, Perelman e Olbrechts-Tyteca consideram tanto o discurso falado quanto o escrito como formas de argumentação e hábeis a fazerem uso da retórica. Portanto, para facilitar o entendimento de toda a construção feita em seu livro eles estabelecem

⁷¹ PERELMAN, Chaim, OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado de argumentação.. Op. cit.. p. 27*

por razões de comodidade técnica e para jamais perder de vista esse papel essencial do auditório, quando utilizamos os termos “discurso”, “orador” e “auditório” entenderemos com isso a argumentação, aquele que a apresenta e aqueles a quem ela se dirige, sem nos determos no fato de que se trata de uma apresentação pela palavra ou pela escrita. [PERELMAN, OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 7]

Em seguida os autores nos apresentam o caminho e as exigências necessárias para a construção de uma argumentação eficaz. Este caminho passa pela construção consciente de “uma comunidade efetiva dos espíritos”⁷², que se faz necessária para os autores, pois “é mister que se esteja de acordo, antes de mais nada e em princípio, sobre a formação dessa comunidade intelectual e, depois, sobre o fato de se debater uma questão determinada”⁷³. Além da *comunidade de espíritos*, outras exigências mínimas são necessárias para haver argumentação em algum grau, como uma linguagem em comum⁷⁴, o apreço pela atenção do interlocutor, além de ter sua argumentação ouvida ou lida. Na questão da linguagem em comum, novamente podemos notar a consciência e o conhecimento da erudição de seu auditório por parte de Simão Pereira de Sá, pois mais do que falar a mesma língua, é preciso se ter as mesmas referências e conhecimentos para que a fala de um faça sentido aos ouvidos do outro.

Os autores afirmam ainda que ter a atenção do seu auditório é algo importante e um bom indício da possibilidade de convencimento de seu auditório através de sua retórica, pois “ouvir alguém é mostrar-se disposto a aceitar-lhe eventualmente o ponto de vista”⁷⁵ apresentado pelo orador.

Outro ponto destacado por Perelman e Olbrechts-Tyteca acerca da relação orador-auditório é que mais do que este acordo de interesse mútuo firmado entre as partes, há casos em que o orador precisa se destacar por outros meios:

⁷² SÁ, Simão Pereira de. *Historia Topografica e Belica.. Op. cit..* p. 16

⁷³ PERELMAN, Chaim, OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado de argumentação... Op. cit..* p. 16

⁷⁴ Mais do que uma língua em comum, os autores apontam a necessidade de uma linguagem em comum. O exemplo dado no livro remete ao livro *Alice no País das Maravilhas*, onde a Alice e os seres daquele país conseguem se compreender minimamente, mas não tem uma conversação eficiente pois não há acordo entre as partes. Enquanto Alice tem os conceitos estabelecidos baseados no nosso mundo, com noções de hierarquia e precedência, os seres do *País das Maravilhas* não compreendem nenhuma dessas noções da Alice e pouco se interessam nas conversas e discussões que a menina tenta iniciar.

⁷⁵ PERELMAN, Chaim, OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado de argumentação... Op. cit..* p. 19

às vezes bastará apresentar-se como ser humano, decentemente vestido, às vezes cumprirá ser adulto, às vezes, simples membro de um grupo constituído, às vezes, porta-voz desse grupo. Há funções que autorizam - e só elas - a tomar a palavra em certos casos, ou perante certos auditórios. [...] Esse contato entre o orador e seu auditório não concerne unicamente às condições prévias da argumentação: é essencial também para todo o desenvolvimento dela. Com efeito, como a argumentação visa obter a adesão daqueles a quem se dirige, ela é, por inteiro, relativa ao auditório que procura influenciar [PERELMAN, OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 21]

Em suma, para os autores “os valores aceitos pelo auditório, o prestígio do orador, a própria língua de que se serve, todos esses elementos ficam em constante interação quando se trata de ganhar a adesão dos espíritos”⁷⁶, portanto se conquistar a confiança e manipular um auditório em favor de seu elemento defendido na argumentação é algo complexo e que deve ser bem executado.

Além das preocupações com o auditório, o orador deve se preocupar com a qualidade de sua argumentação. Para os autores a presença e a ênfase constante dos “elementos nos quais o orador deseja centralizar a atenção, permitindo-lhes assim ficar no primeiro plano da consciência”⁷⁷ são elementos essenciais numa boa construção de argumentação. A *presença* de um determinado elemento na retórica e a maneira na qual este elemento foi inserido contam para a influência e persuasão do auditório. Esta presença se dá através de uma “seleção prévia dos elementos”⁷⁸ baseada no conhecimento que o orador possui de seu auditório. Os autores afirmam que

o fato de se selecionar certos elementos e de apresentá-los ao auditório já implica a importância e a pertinência deles no debate [...] a presença atua de um modo direto sobre a nossa sensibilidade. É um dado psicológico que, como mostra Piaget, exerce uma ação já no nível da percepção; por ocasião do confronto de dois elementos, por exemplo, um padrão fixo e grandezas variáveis

⁷⁶ PERELMAN, Chaim, OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado de argumentação... Op. cit* p. 150

⁷⁷ Idem, p. 161

⁷⁸ Idem, p. 131

com as quais ele é comparado, aquilo em que o olhar está centrado, o que é visto de um modo melhor ou com mais frequência é, apenas por isso, supervalorizado. [PERELMAN, OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 132]

Ao se fazer uma leitura crítica da crônica de Simão Pereira de Sá, podemos notar que este princípio de se destacar o lado positivo para que o lado negativo fosse esquecido é usado. A Colônia do Sacramento era um território valioso para o comércio luso, principalmente para a elite fluminense, mas era também muito dispendiosa a sua manutenção para a Coroa Portuguesa. Ao narrar em sua crônica todas as qualidades da terra defendida e toda a bravura dos homens e mulheres que por ela lutavam, Simão Pereira de Sá muda o foco do olhar de seu auditório: o cronista faz com que todas as maravilhas de Sacramento sejam destacadas e valorizadas, em detrimento de todos os problemas que pesavam em favor da desistência de Sacramento aos castelhanos. Enquanto fosse necessário mostrar o quão vilões eram os espanhóis e quão benevolentes eram os portugueses, isto seria feito. Num trecho emblemático, Pereira de Sá demonstra toda a vilania castelhana e a doação portuguesa em prol da Colônia:

reduzida a cinzas a humilde, e pobre Fortaleza, ainda a pesar do inimigo ficarão vestígios da tirania, porque intentando com as chamas esterilizar a terra, e infecundar o terreno, o Sangue Portuguez, q. havia rubricado o chão prometia reproduzir valentes serpes para vingar os estragos dos Leões mais soberbos [SÁ, 1993, p. 21]

Além da *presença* por si só do elemento que se quer destacar, há outras figuras que visam exponencializar o poder da presença. Entre estas figuras, está a *repetição*. A partir da repetição, o elemento repetido ganha mais destaque no discurso do autor, fazendo-se presente no pensamento do auditório mesmo que de maneira inconsciente. Entretanto, segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca “a maioria das figuras que os retóricos classificam sob o nome de figuras de repetição parece ter um efeito argumentativo muito mais complexo do que o de proporcionar a presença. É que elas visam, sobretudo, sob a forma de repetição, sugerir distinções”⁷⁹, ou seja, demonstrar a diferença entre o primeiro elemento e o segundo.

Simão Pereira de Sá se vale constantemente do uso de ambos os tipos de repetição. Repetem-se elogios aos bravos soldados portugueses, aos valorosos casais dos Açores e de Trás-

⁷⁹ PERELMAN, Chaim, OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado de argumentação... Op. cit.* p. 198

os-Montes que foram mandados à povoar a Praça, bem como se repete as qualidades da Praça em si, além de se repetir as boas qualidades dos portugueses em detrimento dos castelhanos repletos de vícios e defeitos. Em sua crônica, Pereira de Sá faz uso da repetição como um dos artifícios para dar ênfase às qualidades vistas por ele e por Gomes Freire de Andrade na manutenção da posse Colônia do Sacramento aos portugueses.

No uso da repetição apenas como artifício para reforçar a presença, seguem-se alguns exemplos presentes na crônica de Simão Pereira de Sá para exaltar os soldados portugueses, os moradores de Sacramento e todo o valor destes bravos homens e mulheres:

porem nenhum interesse pode vencer peitos tão nobres, porque sempre para os Portuguezes foi mais preciosa a honra de huma victoria, que o proveito de m.tas dadivas [SÁ, 1993, p. 18]

Os habitantes irritados do atrevimento, resolverão deffenderse até derramar a ultima gota de sangue, respondendo Sebastião da Veiga, q. estava tão prompto em recebelos de qualquer sorte q. no mayor rigor de suas armas esperava augmentar a gloria dos deffensores; porq. nenhuma soldado era mais digno de viver, q. aquelle que desprezava a vida, assim como nenhum mais indigno da vida, que o que temia a morte. [SÁ, 1993, p. 32]

Dezenganados ultimam.te q. nem todas as forças juntas contrastavão o valor dos deffensores, obravão acções, q. cabendo na possibilidade humana, parecião sobrenaturaes os excessos, huns pela immortalid.e do nome buscavão os riscos mais evidentes, outros desejavão pela gloria a morte mais honorifica, e todos gostavão das feridas pela perpetuidade da fama [SÁ, 1993, p. 35]

Além das boas características de soldados corajosos e grandes heróis, os portugueses se mostravam a todo momento bons cristãos, misericordiosos e piedosos, mesmo frente ao inimigo, o castelhano impiedoso e vil.

Reduzida em piedade a colera, logo os mesmos q. cometerão o dammo largarão as armas, e mudarão o castigo em favor. Entre os semivivos, foi com amor conduzido à Praça, e sendo das feridas cordialm.te curado, experimentou a

devoção na mayor caridade. Emquanto durou, a enfermidade de nosso collegio recolhido aprendeo na modestia Portugueza louvaveis procedimentos para condecorar o habito que professava, trocando a Campanha pelo cubiculo, e a espada pelas contas com a nova doutrina dos melhores exemplares de seu instituto. [SÁ, 1993, p. 56]

No caso acima descrito por Simão Pereira de Sá, narra-se o episódio de um padre jesuíta deixado para trás pelos castelhanos após ter havido um confronto entre eles e os portugueses da Colônia. O padre fora deixado entre os mortos pelos soldados castelhanos que fugiram, entregue à própria sorte, mas entre os portugueses o padre encontrou verdadeiro exemplo de misericórdia e piedade, pois fora tratado bem tratado e teve suas feridas bem cuidadas enquanto esteve enfermo por conta da batalha. Entre o bom comportamento cristão, o padre aprendeu o valor da caridade⁸⁰. Ao fazer uso dos conceitos de misericórdia e piedade, Simão Pereira de Sá trás todos os portugueses a se identificar com seu discurso, sendo parte do seu auditório pretendido ou não, pois estas são qualidades que todo bom católico deve preservar, portanto todos simpatizam com atitudes guiadas pela piedade e misericórdia.

Estas repetições não se limitam a demonstrar as qualidades portuguesas e da própria Praça, mas demonstram também os péssimos hábitos e vícios castelhanos, que fazem que a entrega de Sacramento a homens tão vis seja algo inadmissível. Fiando-se em bulas papais, Pereira de Sá demonstra que a posse da terra onde se encontra Sacramento é portuguesa de maneira justa, embora os castelhanos tentem perverter isso.

fundados nas Bullas, que a favor dos Monarcas Portuguezes expedirão os Santissimos Padres Nicolao V. Xisto IV, e Alexandre VI. mostrarão nosso direito tão ellegantemente discutido, como jurisprudentemente consultado, convencendo com razões fortes objecções mal arguidas, porquê firmada com admiração a Linha imaginaria no Meridiano da Occidental margem da Ilha de Santo Antão, alcançarão com razão Mathematica os mais rectos Cosmografos a altura de trinta e cinco graos, pertencendo-nos a parte Septemtrional em que jaz a Colonia pela devizão das terras, demarcação dos Rumos. Porem os Hespanhoes com industria politica perverterão o ponto, e torcerão a Linha para

⁸⁰ SÁ, Simão Pereira de. *Historia Topografica e Belica... Op. cit* p. 56

variarem os compassos, e se limitarem os dilatados Dominios do Imperio Luzitano. [SÁ, 1993, p. 7]

Neste trecho, vemos que Simão Pereira de Sá invoca o espírito católico e o espírito de justiça dos portugueses, pois ele trás à tona bulas papais que delimitaram o território luso e castelhano nas terras coloniais.⁸¹ Mesmo assim, os castelhanos - que se diziam católicos - ignoraram estas bulas e desrespeitaram o avanço luso por terras dadas a esses pelos papas citados por Simão Pereira de Sá. Mais do que demonstrar a legitimidade do avanço português sobre as terras em que estava a Colônia do Sacramento, Pereira de Sá demonstra, mesmo que de maneira velada, o desrespeito dos castelhanos frente aos *santíssimos padres*, pois desrespeitam as bulas papais anteriormente estabelecidas.

Este não é o único momento onde Simão Pereira de Sá apela para a comparação entre o catolicismo dos portugueses com a fidelidade católica dos espanhóis. Em muitos momentos o autor demonstra como os portugueses são movidos pela clemência e pela piedade, enquanto os castelhanos são movidos pela vingança, desejo de sangue e tirania. O cronista narra um episódio onde os castelhanos, acompanhados de índios *bárbaros*, matam soldados portugueses dentro de uma igreja.

nem o templo sagrado foi então seguridade bastante aos que delle se ampararão contra a furia Espanholla, porq. desatenta a crueldade na Caza de deos, até a insolencia passou a ser nella delinquente. Profanarão finalm.te o sagrado, sem valer a nenhum sexo a veneração das imagens. Clamavão os nossos Padres da Companhia contra alguns Hespanhoes de seu mesmo instituto; os quaes fazendose companheiros dos Indios, não evitavão os Escandalosos absurdos, que cometião. [...] O Pe. Manoel Alvarez com o ardente espirito, de que era dotado, sahio sem fructo a encontrar a multidão, que arrebatada como precipitados ribeiros, não havião vozes, que pudessem suspender o curso da colera. Ao Ceo pedia castigo contra os Agressores da paz. [SÁ, 1993, p. 20]

⁸¹ A expansão pretendida do catolicismo a partir do século XVI fez com que fosse necessário se preservar os valores católicos como exemplo aos pagãos que seriam convertidos. Enquanto os castelhanos se dizem cristãos, mas negam as virtudes católicas em suas ações, Simão Pereira de Sá se vale disso para buscar deslegitimar o povoamento da região pelos castelhanos, repletos de vícios, frente ao seu auditório, e talvez mesmo frente às autoridades da Igreja Católica.

No trecho acima, além do comportamento completamente bárbaro e agressivo dos espanhóis em matar soldados portugueses dentro de uma igreja, Pereira de Sá afirma que jesuítas espanhóis estavam juntos neste ataque, e mesmo sob a súplica de outros jesuítas e da população em geral, estes fecharam os olhos frente ao ataque desmedido dos espanhóis. Mais do que soldados com comportamentos nada cristãos, existiam também religiosos com um comportamento pouco cristão entre os espanhóis.

Outro artifício usado por Pereira de Sá em sua crônica é o que Perelman e Olbrechts-Tyteca denominam como *argumentação pelo sacrifício*. Para os autores, este artifício é “um dos argumentos de comparação utilizados com mais frequência [...] que alega o sacrifício a que se está disposto a sujeitar-se para obter certo resultado”⁸². Para Perelman e Olbrechts-Tyteca, o uso do sacrifício só é válido quando o objeto pelo qual se sacrifica é importante. Segundo eles “na argumentação pelo sacrifício, este deve medir o valor atribuído àquilo por que se faz o sacrifício [...] todavia, se o objeto é conhecido e seu valor é fraco, o prestígio daqueles que se sacrificaram sairá daí diminuído, por uma espécie de ricochete”⁸³.

Vemos na crônica de Simão Pereira de Sá desde soldados que não deserderam mesmo em meio a todas as dificuldades aos colonos que se mantiveram dentro da Praça em meio à fome imposta pelos espanhóis através de seus cercos. Pereira de Sá demonstra compreender que o objeto causador do sacrifício deve ter valor também, pois não só demonstra todos os sacrifícios feitos de seus defensores - tanto soldados quanto civis -, mas também ressalta a todo momento o valor da terra defendida. Ao fazer uso destes dois artifícios, Simão Pereira de Sá cria - intencionalmente ou não - uma relação de interdependência entre os homens de Sacramento e a terra.

A seguir, algumas passagens em que Pereira de Sá demonstra os *sacrifícios* cometidos pelos moradores da Colônia, em defesa da mesma.

Pertendião pelo agazalho que os soldados evacuasem a Praça, e pelo trato que imitassem o terrível exemplo dos fugitivos, porem os mais constantes no serviço desprezavão as delicias pelo trabalho, e as fingidas liberalidades pelo pirigo. Aspiravão a mayor gloria na fortuna de pelejarem, e obedecerem, porque assim se exaltavão huns, e injuriavão outros [SÁ, 1993, 15]

⁸² PERELMAN, Chaim, OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado de argumentação... Op. cit* p. 281

⁸³ Idem, pp. 282-283

De madrugada passarão à Praça com dous prisioneiros, deixando os mais com a guarda de tres soldados, a quem persuadirão que os deixassem em suas liberdades, a troco de m.tas promessas, q. os farião mais opulentos, que gloriozo; porem nenhum interesse pode vencer peitos tão nobres, porque sempre para os Portuguezes foi mais precioza a honra de huma victoria, que o proveito de m.tas dadas. [SÁ, 1993, p. 18]

Suppunhão, aeriamente, que a fome, e o trabalho, que lhes enfraquecia os corpos nos vivificava os espirito, obrando nelles a Natureza fizicamente, e em nós por diverso modo; porque sempre firmes, e constantes, sofriamos o rigor da Guerra com animo feroz, e socegado [SÁ, 1993, p. 36]

Intimidadas as ordens, e promptificados para a retirada, entrou a fome não menos cruel, q. a Guerra a embaraçar o transporte; porem ellegendose o menor mal jentre os dous offerecidos por grandes quizerao antes padecer o rigor daquella, que as calamidades desta.

Assim o havia prometido D. Miguel a seu soberano quando nos mandou fazer viva e sanguinolenta guerra, jurando, e protestando vencer a nossa constancia não com o vigor do ferro, mas à fome, e com prezistencia do sitio; porque expondo sempre os Portuguezes as vidas pelo Rey, e pela ley, era mais facil rendelos pela necessidade., q. não tem Ley que pelas armas omo direito de deffender, e sustentar eroicam.te os Dominios de Seu Rey [SÁ, 1993, p. 79]

Nos trechos acima, vemos tanto os sacrificios sofridos por parte do soldados quanto por parte dos civis, que tiveram de suportar o cerco espanhol, que além de muitas batalhas e vidas perdidas, trazia consigo também a fome. Inclusive nestes exemplos dados por Pereira de Sá, podemos notar um “comportamento cristão”, principalmente por parte dos soldados que mantém a honra acima de possíveis ganhos materiais.

Em relação às provações sofridas durante o cerco, Pereira de Sá demonstra que mesmo os espanhóis conheciam a determinação portuguesa em defender sua terra e ser leal a seu rei, portanto a fome seria o meio de fazê-los abandonar a Praça. Notamos também a determinação

dos moradores nas palavras de Simão Pereira de Sá em demonstrar que eles ainda tinham esperanças de conseguir manter a Praça através da prometida ajuda que viria do Rio de Janeiro, e por fim expulsariam os castelhanos. Esta ajuda chega, mas é pífia na visão de Pereira de Sá, e por isso os moradores tem que abandonar Sacramento. Este é outro momento em que Pereira de Sá demonstra o quanto a Praça é quista entre seus moradores, e como deixá-la à mercê dos castelhanos é triste.

Já feito à vella, olharão cheyos de lagrima para as solitarias muralhas, e dezerta Praça, despedindo se daquelle teatro, onde se frustrarão acções dignas dos marmores merecidos de bronze; mas como no Mundo o que se roga à vaidade dos homens, vay girando destrossos à voracidade dos animos, não se admirarão, q. finalizasse huma Praça ao mesmo paço, q. acabavão as Magestades do Imperios [SÁ, 1993, p. 47]

Considerações finais

Neste trabalho busquei analisar o discurso construído por Simão Pereira de Sá em sua crônica *Historia Topografica e Belica* e suas intenções por detrás da obra. A influência do possível auditório pretendido, bem como do encomendante Gomes Freire de Andrade se fazem presentes na retórica usada por Pereira de Sá. Os artifícios usados para conquistar o auditório, trazer um sentimento de identificação e empatia com as pessoas presentes na narrativa, o elemento católico, onde se vê que os portugueses povoadores era mais piedosos e melhores católicos do que os castelhanos invasores, tudo isso pode ser encarado como artifícios retóricos.

Ao longo do trabalho pude também problematizar a posição da Colônia do Sacramento na historiografia nacional. Nas obras de vertente tradicionalista, se vê Sacramento através de olhos raivosos, que se envergonham pelo território perdido, e por isso desdenham do mesmo. Capistrano de Abreu é o expoente dessa linha, ao enfaticamente demonstrar seu desprezo por Sacramento e como a considera de tal maneira sem importância e digna de esquecimento que tem em seu livro não mais do 10 páginas falando sobre a mesma. Outros autores não são tão diretos, mas demonstram seu rancor ao simplesmente ignorar a importância da Colônia do Sacramento no contexto de sua fundação para o Império Português e até mesmo para o efetivo povoamento do *continente de Rio Grande*.

Na historiografia mais contemporânea houve uma recuperação da Colônia do Sacramento e de seu valor. Nota-se isso nos trabalhos de Fabrício Prado, Fábio Kühn, Martha Daisson Hameister, Viviane Sueli Marques e Paulo César Possamai. Há um trabalho historiográfico postado mais distante temporalmente da própria Colônia do Sacramento, e portanto, menos atingido pelas questões ideológicas ou políticas, embora evidentemente não sejam trabalhos isentos de outras subjetividades que possam ter tocado os autores a levá-los a estudar sobre Sacramento. Esta recuperação do valor de Sacramento, em partes, pode inclusive ser atribuída à grande habilidade retórica de Simão Pereira de Sá, já que estes autores em algum ponto voltaram suas leituras à crônica de Pereira de Sá e se deixaram convencer pelas palavras elogiosas à Colônia.

Embora qualquer obra, qualquer fonte, guarde armadilhas aos historiadores, mesmo aos acadêmicos, como os nomes citados acima como Prado, Hameister, Possamai, a obra de Simão Pereira de Sá pode ser entendida como parte da influência que levou esta geração a recuperar o interesse por Sacramento, e através do estudo da história da mesma, recuperar o respeito e admiração pela tal. Esta historiografia contemporânea desafia a historiografia nacionalista ao passo que defende Sacramento e sua importância dentro do Império Luso nos fins do século XVII e durante o XVIII.

Simão Pereira de Sá conseguiu efetivamente ainda convencer seu próprio auditório do século XVIII, os homens cultos e letrados com poder de influência nas decisões régias no século XVIII, pois Sacramento foi mantida até 1762, quando fora tomada pelos castelhanos. Apesar desta invasão, a desistência efetiva portuguesa só se deu em 1777, em busca de recuperar o território com uma extensão geográfica muito mais significativa que Sacramento.

Ao final deste estudo e desta escrita chego à conclusão de que o auditório de Simão Pereira de Sá se mantém até os dias atuais, pois ainda há homens e mulheres lendo sua obra e deixando-se convencer por sua retórica, por sua habilidade. Seu trabalho é indispensável àqueles que pretendem estudar a Colônia do Sacramento, embora precise de atenção durante a leitura, para não cairmos facilmente em sua teia de palavras.

Referências bibliográficas

- ABREU, Capistrano de. *Capítulos da História Colonial: 1500 – 1800*. Brasília: Conselho Editorial do Senado Federal, 1998. Disponível em:
http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=2074
- ALMEIDA, Carina Santos de. O debate Historiográfico entre Moysés Vellinho e e Manoelito de Ornellas. In: Spartacus - Revista Eletrônica dos Discentes de História, 2007.
- BOULOS JUNIOR, Alfredo. *Coleção História, Sociedade e Cidadania*. Alfredo Boulos Junior. - São Paulo: FTD, 2004, vol. 3, 8º ano.
- FIGUEIRA, Divalte Garcia. Série Novo Ensino Médio: História, volume único. - São Paulo: Editora Ática, 2007.
- GUTFREIND, Ieda. A Historiografia Rio-Grandense. 2ª ed. - Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1998
- GRIJÓ, Luiz Alberto. De Aquiles a Péricles: do herói da epopeia ao grande homem da história. In: ELMIR, Claudio P. & FÉLIX, Loiva Otero (orgs.). *Mitos e heróis: construção de imaginários*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 1998.
- HAMEISTER, Martha Daisson. *O continente do Rio Grande de São Pedro: os homens, suas redes de relação e suas mercadorias semoventes (c. 1727-c. 1763)*. (Dissertação de Mestrado). Rio de Janeiro, UFRJ, 2002. Disponível em:
http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=18909
- _____ ; No princípio era o caos: a formação de um povoado na fronteira americana dos Impérios Ibéricos através do estudo das relações de compadrio. Revista de História Regional. Vol. 15, 2010. Disponível em:
<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/viewFile/2374/1869>
- KÜHN, Fábio. *Breve História do Rio Grande do Sul*. 2ª edição. Porto Alegre: Leitura XXI, 2004.
- MARQUES, Viviane Sueli. *Edição semidiplomática de História topográfica e bélica da Nova Colônia do Sacramento do Rio da Prata, códice 677, da Biblioteca Nacional de Lisboa*. (Dissertação de Mestrado). São Paulo, USP, 2008. Disponível em:
<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-25112009-110609/pt-br.php>

OLIVEN, Ruben George. Mitologias da nação. In: ELMIR, Claudio P. & FÉLIX, Loiva Otero (orgs.). *Mitos e heróis: construção de imaginários*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 1998.

PERELMAN, Chain, OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado de argumentação: a nova retórica*; tradução Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão; [revisão da tradução Eduardo Brandão]. - 2ª ed. - São Paulo: Martins Fontes, 2005. – (Justiça e direito)

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História do Rio Grande do Sul*. 8ª edição. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

PILETTI, Nelson. *História e vida integrada: livro para análise do professor* / Nelson Piletti, Claudino Piletti. - Nova ed. reform. e atual. - São Paulo: Ática, 2005, vol. 3, 7ª série

POSSAMAI, Paulo C. *A vida quotidiana na Colônia do Sacramento*. Lisboa: Livros do Brasil, 2006.

_____ ; A Colônia do Sacramento: Uma praça de guerra do Império Colonial Português. *História em Revista*, Pelotas. Vol. 13, 2007, pp. 09-28 Disponível em: http://ich.ufpel.edu.br/ndh/downloads/historia_em_revista_paulo_possamai.pdf

_____ ; De núcleo de povoamento à praça de guerra: a Colônia do Sacramento de 1735-1777. *Topoi*. Vol. 11, n. 21, jul.-dez. 2010, pp. 23-36. Disponível em: http://www.revistatopoi.org/numeros_anteriores/topoi21/Topoi21_02Artigo2.pdf

PRADO, Fabrício. *Colônia do Sacramento: O Extremo Sul da América Portuguesa*. Porto Alegre: Editora Prefeitura Municipal de Porto Alegre, RS, 2002.

RODRIGUE, Joelza Ester, *História em documento: imagem e texto* / Joelza Ester Rodrigue. - São Paulo: FTD, 2001. - (Coleção História em documento: imagem e texto) vol. 2, 6ª série

SÁ, Simão Pereira de. . *Historia Topografica e Belica da Nova Colonia do Sacramento do Rio da Prata, Escrita por Ordem do Governador e Capitão Geral do Rio de Janeiro em 1737 e 1777*. Porto Alegre: Arcano 17, 1993

SAMPAIO, Antonio Carlos Jucá de. *Na encruzilhada do império: hierarquias sociais e conjunturas econômicas no Rio de Janeiro (c. 1650 - c. 1750)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2003.

SPALDING, Walter. *Gênese do Brasil-Sul*. Porto Alegre: Livraria Sulina Editora, 1953.

_____ ; *Construtores do Rio Grande*. Porto Alegre: Livraria Sulina Editora, 1969, v. I

_____; *Construtores do Rio Grande*. Porto Alegre: Livraria Sulina Editora, 1969, vol. II

_____; *Construtores do Rio Grande*. Porto Alegre: Livraria Sulina Editora, 1973, vol. III

SYLVA, Silvestre Ferreira da. *A relação do Sítio da Nova Colônia do Sacramento*. Porto Alegre: Arcano 17, 1993.

VELLINHO, Moysés. *Fronteira*. Porto Alegre: Editora Globo, 1975.